

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

Camila Alves Pereira

“O crime não compensa”: Análise de reportagens sobre crime e ação policial no

Diário de Notícias de Porto Alegre 1954-1955

PORTO ALEGRE

2018

Camila Alves Pereira

“O crime não compensa”: Análise de reportagens sobre crime e ação policial no
Diário de Notícias de Porto Alegre 1954-1955

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de graduação em História
da Universidade Federal do Rio Grande do Sul
como requisito parcial para obtenção do grau de
Licenciada em História.

Orientadora: Prof.^a Dra. Cláudia Mauch

PORTO ALEGRE

2018

CIP - Catalogação na Publicação

Pereira, Camila Alves

"O crime não compensa": Análise de reportagens sobre crime e ação policial no Diário de Notícias de Porto Alegre 1954-1955 / Camila Alves Pereira. -- 2018.

63 f.

Orientador: Cláudia Mauch.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Licenciatura em História, Porto Alegre, BR-RS, 2018.

1. Crime. 2. Noticiário policial. 3. imprensa. 4. Diário de Notícias. I. Mauch, Cláudia, orient. II. Título.

Camila Alves Pereira

“O crime não compensa”: Análise de reportagens sobre crime e ação policial no

Diário de Notícias de Porto Alegre 1954-1955

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de graduação em História
da Universidade Federal do Rio Grande do Sul
como requisito parcial para obtenção do grau de
Licenciada em História.

BANCA EXAMINADORA:

Prof.^a Dra. Cláudia Mauch (orientadora) - UFRGS

Prof.^a Dra. Carla Brandalise - UFRGS

Prof. Dr. Luiz Alberto Grijó - UFRGS

PORTO ALEGRE

2018

Dedico este trabalho à minha mãe, Neli
e aos meus sobrinhos Pedro Henrique e Angelina.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, devo agradecer à minha família que sempre se dedicou muito para que eu tivesse um ensino que me possibilitasse entrar numa Universidade Federal, da qual faço parte hoje estando em vias de concluir um curso de graduação. Muito obrigada Neli, Pedro, Michele e Vanessa por terem sempre sido a base que me ajudou nos momentos ruins e vivenciou comigo cada um dos momentos bons.

Agradeço aos meus colegas e amigos, “Los Infelices” que foram a família que o curso me trouxe, sem vocês essa loucura toda não faria sentido. Obrigada Cláudia, por ter sido a companheira de sempre e de me aconselhar sabiamente todas as vezes que eu precisava de uns puxões de orelha, tu és sem dúvida uma das minhas maiores inspirações pela garra e determinação que tens. Obrigada Lucas e Rodrigo, pelas conversas jogadas fora e por toda a força que me deram durante o curso mesmo sem perceber. Às colegas Rosita e Iara agradeço pelas conversas, risadas e angústias compartilhadas, vocês são mulheres incríveis. Ao Alexssander, agradeço simplesmente por ser essa pessoa iluminada e sempre de bom humor, obrigada por todos os momentos de “revolta” e de “livros no chão”, tu és uma das melhores pessoas que já passaram na minha vida.

Aos queridos amigos que fiz ao longo do percurso e também aqueles que já estavam na minha vida antes que eu pensasse em enfrentar este desafio, meu muito obrigada. Em especial aos amigos queridos que fazem parte da minha vida desde a época de escola, e aos amigos do “TM” e do NAE/CAp. Sem vocês a caminhada seria muito mais dura e triste. Aqui aproveito para agradecer a oportunidade de fazer parte do IPE, em Gravataí, (Iniciativa Popular Estudantil). Esse é mais que um curso pré-vestibular popular, ele é a esperança de muitos que sonham em entrar numa Universidade, mas que por suas condições financeiras deixam de acreditar que isso seja possível. O IPE, assim como todos os outros cursinhos populares, são a chance que temos de fazer valer o direito de acesso, que todos deveriam ter, à educação.

Aos professores de estágio da UFRGS, Nilton, Fernando, Carmem e Caroline, que me deram toda a atenção para que a experiência em sala de aula me fizesse querer ainda mais lutar pela melhora da educação básica do nosso país.

À Escola Municipal de Ensino Médio Santa Rita de Cássia, e a todos os professores que lá me deram aula durante os Ensino Fundamental e Médio, em especial à professora Neusa, que me deu todo apoio e atenção, acreditando na minha aprovação desde o

momento que soube que iria prestar vestibular, me ajudando com aulas de redação e língua portuguesa. Às professoras Letícia e Rosângela que foram minha inspiração para querer ser professora de História. Ao diretor e vice diretora da escola, José Roberto e Ana Cunha, que abriram as portas da escola para que eu retornasse e pudesse realizar todos os estágios na minha escola do coração. Um muito obrigada a todos e todas que não foram citados, mas que fizeram parte da minha formação durante a época de escola.

A todos os professores, professoras e funcionários do IFCH que fizeram parte da minha trajetória acadêmica. Por receio de esquecer algum nome, deixo o agradecimento a todos que mais estiveram presentes ao longo destes cinco anos de curso.

Ao funcionário dos *Diários Associados*, Gabriel Luz Moreira de Abreu que me ajudou com o termo de autorização para utilizar as reportagens como anexos desta pesquisa e colocou-se à disposição para digitalizar as páginas do jornal, caso eu precisasse.

À minha orientadora, Cláudia Mauch, que com toda sua atenção e dedicação me ajudou a construir a pesquisa a partir de sugestões que foram fundamentais para que o trabalho saísse do campo da idealização e pudesse ser colocado no papel. Muito obrigada professora, por todo o apoio dado durante essa longa caminhada.

Aos professores Carla Brandalise e Luiz Alberto Grijó que aceitaram compor da banca examinadora deste trabalho e que também estiveram presentes em minha trajetória ao longo do curso de História.

Aos meus afilhados Pedro Henrique e Angelina, que recarregaram minhas energias com tantas risadas e brincadeiras que me faziam querer ainda mais continuar lutando pelo meu objetivo.

Ao meu companheiro, Maicon, que sempre esteve presente nos momentos de decisão, felicidade, medo, angústia e euforia, e que, desde antes do vestibular de 2013, sofreu com as minhas crises de ansiedade e soube lidar com minha impaciência, relevando os momentos de estresse com muita calma e paciência. Obrigada por estar fazendo parte de mais uma etapa da minha vida. E que venham muitos outros desafios como este para que possamos enfrentar juntos.

E por fim, um segundo agradecimento especial à pessoa mais importante da minha vida, minha mãe, Neli que, mais do que qualquer outra, esteve ao meu lado em todas as decisões, apoiando cada uma delas, por mais insana que fosse. Muito obrigada por ser essa pessoa maravilhosa e admirável que todos deveriam ter a oportunidade de conhecer. Obrigada por existir.

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso tem como objetivo analisar as formas como o jornal *Diário de Notícias* de Porto Alegre apresenta em suas páginas os crimes e o papel exercido pela polícia nos casos reportados ao longo do ano de 1954 e início de 1955. Procura-se entender como os sujeitos são tratados no jornal, quem eram, como são caracterizados pelo periódico, e como são descritas as ações de criminosos e policiais a partir da análise do jornal nos anos em questão. Para isso, foram levados em consideração o contexto político da época, que teve a imprensa como personagem fundamental e a modernização da imprensa na década de 1950 que também é importante para identificar as continuidades e inovações adotadas pelo *Diário de Notícias* no ano de 1954 e no início de 1955.

Palavras Chave: Crime, noticiário policial, imprensa, Diário de Notícias

Sumário

1. INTRODUÇÃO.....	10
2. O <i>DIÁRIO DE NOTÍCIAS</i> DE PORTO ALEGRE	15
2.1 A Trajetória do jornal até o incêndio em 1954 e a reabertura em 1955	16
2.2 A modernização do Diário de Notícias.....	19
3. CRIME E IMPRENSA.....	24
3.1 O Crime no Diário de Notícias.....	28
3.2 A polícia no jornal.....	37
3.3 “O crime não compensa”.....	40
3.3 Crimes famosos	45
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	51
ANEXO 1	54
ANEXO 2	55
ANEXO 3	56
ANEXO 4	57
ANEXO 5	58
ANEXO 6	59
ANEXO 7	60
ANEXO 8	61
ANEXO 9	62
ANEXO 10	63

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho de conclusão de curso tem como objetivo analisar as formas como o jornal *Diário de Notícias* de Porto Alegre apresenta os crimes e o papel exercido pela polícia nos casos reportados ao longo do ano de 1954 e início de 1955. Procura-se entender como os sujeitos são tratados no jornal, ou seja, quem eram, como são caracterizados pelo periódico, e como são descritas as ações de criminosos e policiais a partir da análise desse noticiário nos anos em questão.

A década de 1950 foi marcada por uma transição na imprensa brasileira, que sofreu transformações em sua apresentação gráfica e forma de redação das reportagens. Durante o século XIX, o naturalismo e a literatura de modo geral eram muito explorados pelos jornalistas para conquistar seu público. Esse modo de fazer jornal se dava a partir da contratação de escritores de literatura e foi aos poucos dividindo espaço com o uso de uma linguagem sensacionalista usada como principal ferramenta para conquistar a atenção dos leitores. A partir de 1950, a imprensa brasileira adotou o modo norte-americano de fazer jornal, modificando a linguagem sensacionalista e proibindo, em alguns casos, seus jornalistas de darem opiniões nas reportagens. Prometia-se, a partir dessa modernização, um jornalismo que privilegiava a informação (transmitida “objetiva e imparcialmente” na forma de notícia) e que a separava (editorial e graficamente) do comentário pessoal e da opinião (RIBEIRO, 2003, p. 148).

O recorte temporal apresentado neste trabalho se justifica por dois motivos. O primeiro diz respeito à já citada modernização da imprensa em 1950, que incorporou o uso de novos métodos que, segundo Ribeiro, substituem a noção de jornal como espaço de comentário e opinião, de modo que ele passa a ser um lugar neutro considerado “espelho da realidade” (RIBEIRO, 2003, p. 148). O segundo motivo trata do contexto de 1954 e o papel da imprensa na conjuntura política brasileira daquele ano. Em meio a isso, procura-se apresentar como os jornais dão espaço ao crime, ao mesmo tempo em que se preocupam em dar maior visibilidade a outros temas definidos pelos jornalistas e editores do jornal como mais importantes para a sociedade. Busca-se saber como e onde o crime e a ação policial são colocados no jornal e qual o espaço definido para estes assuntos naquele momento da história brasileira.

Em 1954 o cerco ao governo de Getúlio Vargas se fechava a cada dia que passava. A crise que se instalou no período foi resultado de uma série de medidas do governo, que acabou causando insatisfação de alguns setores importantes naquele momento. A proposta de aumento do salário mínimo dos trabalhadores em cem por cento é um exemplo das medidas que marcam o início da decadência da imagem do presidente diante de parte da sociedade. Militares, imprensa, grandes empresários e a UDN (União Democrática Nacional)¹, formavam o grupo de oposição que atacava direta e indiretamente o governo de Getúlio Vargas. O historiador Boris Fausto, em seu livro “Getúlio Vargas: o poder e o sorriso” expõe as motivações de cada um destes grupos, como podemos perceber:

No plano político partidário, Getúlio enfrentava uma oposição aguerrida e eficaz, que o odiava visceralmente. Ela se concentrava numa facção dominante da UDN. [...] As tentativas da UDN, no sentido de afastar Getúlio do poder martelavam em dois temas acusatórios: o do autogolpe getulista, com o apoio dos sindicatos, e o da responsabilidade pela corrupção. [...] Além disso, o presidente tinha contra si a implacável cadeia de jornais e rádios de Assis Chateaubriand, *O Estado de São Paulo* e a *Tribuna da Imprensa*. [...] Para agravar a cena, a Aeronáutica se convertera em uma força política, em que predominavam oficiais antigetulistas, em particular o brigadeiro Eduardo Gomes, atuante nas articulações para a derrubada do presidente. (FAUSTO, 2006, pp. 182-183)

Como citado acima, a imprensa foi um dos principais setores que influenciou diretamente na aceleração do processo de deslegitimação da figura do presidente. O motivo desse ataque particular da imprensa ao presidente, segundo os autores Alzira Alves de Abreu e Fernando Lattman-Weltman, está na censura sofrida por esse meio durante o Estado Novo, quando “Vargas aprofundou sua incompatibilidade com a imprensa e criou uma imagem negativa junto aos intelectuais e jornalistas na medida em que a Constituição de 1937 aboliu a liberdade de expressão do pensamento” (ABREU & WELTMAN, 1994, p. 27), a partir da criação do DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda), órgão institucional que controlava ativamente as publicações dos jornais impressos e noticiário das rádios, obrigando-os a veicular propagandas positivas sobre o governo de Vargas.

¹ Partido político fundado em 1945 que fazia oposição ao governo de Getúlio Vargas.

A crise se agrava e toma proporções incontornáveis a partir do atentado ao jornalista Carlos Lacerda², que resultou na morte do major Rubens Vaz, em 5 de agosto de 1954, na rua Toneleros, em Copacabana no Rio de Janeiro (ABREU & WELTMAN, 1994, p. 23). Os ataques da imprensa a partir desse atentado ficaram cada vez mais frequentes, assim como as acusações de outros setores de oposição ao governo. Conforme Fausto:

Após o crime, as vozes da oposição e tornaram ainda mais inflamadas. Na Câmara, em 1º de agosto, por exemplo, Afonso Arinos responsabilizou Getúlio pelo ocorrido e exigiu sua renúncia. [...] A partir daí, a campanha pela renúncia de Getúlio ganhou o Congresso, a imprensa e as ruas. [...] A pressão pela saída do presidente ganhou ainda mais adeptos na cúpula militar. Em 22 de agosto, os brigadeiros da Aeronáutica aprovaram a proposta de Eduardo Gomes no sentido de que se comunicasse a Getúlio, a necessidade de deixar o governo, escolhendo para a missão o general Mascarenhas de Moraes, chefe do estado-maior das Forças Armadas. [...] A alta oficialidade da Marinha decidiu apoiar o gesto da Aeronáutica, que tinha o comando das iniciativas. Em 23 de agosto, o “Manifesto dos generais” endossava a exigência da renúncia. (FAUSTO, 2006, pp. 188-189)

Abreu e Weltman analisam como os jornais dos estados do Rio de Janeiro e São Paulo trataram a crise política a partir do atentado na rua Toneleros e dividem a cobertura jornalística do mês de agosto de 1954 em quatro etapas:

A primeira, corresponde à fase de apresentação do incidente, da construção do seu significado de grave crise política e moral. A segunda etapa consiste nos movimentos de reprodução da indignação coletiva, ou seja, corresponde à fase de acusação. A terceira etapa é a da articulação em torno da renúncia e também é o momento em que mesmo os jornais mais moderados se convencem da inviabilidade política da continuação do governo Vargas, é a fase de apelo à renúncia. A última etapa é a da articulação da imposição da renúncia ou deposição. (ABREU & WELTMAN, 1994, p. 32)

Como sabemos, Getúlio Vargas não atende aos pedidos e ordens de renúncia e deposição, suportando as acusações da oposição, principalmente da imprensa, até a

² “Carlos Frederico Werneck de Lacerda nasceu no Rio de Janeiro, então Distrito Federal, em 30 de abril de 1914. Iniciou sua carreira profissional em 1929, escrevendo artigos para o *Diário de Notícias*. Em janeiro de 1947 foi eleito vereador pelo Distrito Federal na legenda da União Democrática Nacional (UDN). Em 1949 foi afastado do *Correio da Manhã*. Decidiu lançar um novo jornal com o nome da sua coluna no antigo emprego: *Tribuna da Imprensa*. Assim, em dezembro de 1949, fundou a *Tribuna da Imprensa* que, representando as principais propostas da UDN, viria a fazer oposição às forças políticas vinculadas ao getulismo.” (trecho retirado do site CPDOC http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/biografias/carlos_lacerda).

manhã do dia 24 de agosto de 1954, quando decide, segundo ele próprio “sair da vida para entrar na História”.

Dessa forma, vimos que a imprensa teve papel fundamental na crítica ao presidente Vargas, auxiliando no agravamento da crise de 1954. Sendo assim, pretende-se neste trabalho analisar de que forma o jornal *Diário de Notícias*, em meio a essa conturbada conjuntura, deu espaço e tratou de outros assuntos, especialmente aos crimes e práticas policiais.

Essa análise será feita em duas partes. A primeira apresenta e analisa a fonte principal desse estudo, de modo que se entenda a trajetória do jornal e seus momentos de ascensão e queda até o ano de 1955, quando retorna às vendas após o incêndio de agosto de 1954. Pretende-se apresentar uma história do jornal, destacando a importância do *Diário de Notícias* no contexto de 1954-55. Além disso, procura-se mostrar como a estrutura do jornal foi se modificando ao longo de sua história, enfatizando o ano de 1954, quando o jornal fecha temporariamente por motivos políticos³, reabrindo em março de 1955.

A segunda parte trata do tema principal deste trabalho que é a análise das representações sobre o crime e a ação policial no *Diário de Notícias*. O capítulo se encarrega de mostrar como o crime é colocado no jornal, qual espaço ocupa, quais os destaques dados pelo jornal nas reportagens sobre crime, como o jornal apresenta e denomina os sujeitos (criminosos e policiais) nestas reportagens, como são classificadas as pessoas que cometem crimes ou contravenções penais e de que forma a polícia aparece em tais reportagens. A coluna policial “O crime não compensa”, entre outras, servirá de base para as análises sobre como são apresentadas as ações da polícia nos casos reportados, e para observarmos como os jornalistas encaravam o papel da polícia no ano de 1954 e início do ano de 1955. Para embasar essas análises utilizei autores e autoras que trabalham com a história da polícia, do crime e da imprensa.

Por fim, busca-se concluir de quais formas o jornal consegue lidar com situações que acabam resultando na mudança de posição quanto ao papel exercido pela polícia na sociedade. Veremos que a partir de um determinado acontecimento, o jornal muda o discurso de exaltação à polícia para um ataque a alguns setores dessa instituição.

³ A posição de ataque ao governo de Getúlio Vargas diante a crise dos anos 1950, resultou na depredação e incêndio da sede do jornal no dia do suicídio do presidente. Ao longo do capítulo sobre o *Diário de Notícias* temos mais detalhes sobre o episódio que determina o fechamento do jornal em agosto de 1954.

Assim, pretendo concluir o trabalho enfocando esses dois momentos do jornal e analisando como o crime e ação policial foram representados nas páginas do *Diário de Notícias*.

O *Diário de Notícias* de Porto Alegre foi consultado no formato online, disponível na hemeroteca digital encontrada no site da Biblioteca Nacional⁴. Além disso, foram consultados trabalhos acadêmicos que tinham como fonte o mesmo jornal. Para embasar a análise da fonte, foi utilizada a obra do autor e jornalista Celito De Grandi, que tem sido a referência mais empregada nos trabalhos sobre o *Diário de Notícias* de Porto Alegre.

⁴ A partir de solicitação prévia da autorização para uso das reportagens e imagens das edições analisadas para construção deste trabalho.

2. O Diário de Notícias de Porto Alegre

A imprensa constitui um instrumento de manipulação de interesses e intervenção na vida social. Partindo desse pressuposto, o historiador procura estudá-la como agente da história e captar o movimento vivo das ideias e personagens que circulam pelas páginas dos jornais. A categoria abstrata *imprensa* se desmistifica quando se faz emergir a figura de seus produtores como sujeitos dotados de consciência determinada na prática social. (CAPELATO, 1988, p. 21)

A decisão de analisar crime na imprensa em 1954 vem da tentativa de compreender como os sujeitos e as práticas são apresentadas pelos meios de comunicação impressos, mesmo em épocas conturbadas politicamente. A disputa de interesse e a manipulação que ocorre através dos jornais são os grandes formadores de preconceitos que existem na sociedade contemporânea. Não só a formação do preconceito como também as permanências deste na nossa sociedade.

Segundo a autora Tânia de Luca, “o historiador, de sua parte, dispõe de ferramentas provenientes da análise do discurso que problematizam a identificação imediata e linear entre a narração do acontecimento e o próprio acontecimento” (DE LUCA, 2005, p. 139). Ao utilizar jornais impressos como fonte para pesquisa, muitas vezes, pretende-se identificar quem são e de que forma são representados os sujeitos exibidos nas reportagens do jornal, ou seja, faz-se uma análise da fonte a partir das escolhas feitas (ou não) pelos jornalistas e editores envolvidos na confecção do periódico. Segundo Capelato (1988), o historiador, dessa maneira, procura estudar os jornais como agente da história e captar o movimento vivo das ideias e personagens que circulam pelas páginas dos impressos.

Nesse sentido, o conceito de representação de Roger Chartier torna-se muito útil na análise da fonte. Segundo o autor, representações são entendidas como:

Classificações e divisões que organizam a apreensão do mundo social como categorias de percepção do real. As representações são variáveis segundo as disposições dos grupos ou classes sociais; aspiram à universalidade, mas são sempre determinadas pelos interesses dos grupos que as forjam. O poder e a dominação estão sempre presentes. As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros; produzem estratégias e práticas que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por ela menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas. Por isso esta investigação sobre as representações supõe-nas como estando sempre colocadas num campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e de dominação. [...] Ocupar-se dos conflitos de classificações ou de delimitações não é afastar-se do social, muito pelo contrário, consiste em localizar os pontos de

afrontamento tanto mais decisivos quanto menos imediatamente materiais. (CHARTIER, 1990, pp.16-17)

O jornal *Diário de Notícias* de Porto Alegre fez parte da rede de jornais *Diários Associados*, do famoso empresário Assis Chateaubriand. Considerado um dos maiores e mais vendidos jornais da época no Rio Grande do Sul, ficando atrás apenas do *Correio do Povo*⁵, o *Diário de Notícias* de Porto Alegre surgiu no ano de 1925 e foi fechado em 1979 completando 54 anos de existência, passando por um incêndio em agosto 1954 e reabrindo em menos de um ano em março de 1955.

O jornalista Celito De Grandi⁶, em seu livro “*Diário de Notícias: o romance de um jornal*” conta a história do *Diário* a partir da trajetória de seu diretor Ernesto Corrêa⁷. Uma leitura de fácil compreensão e com linguagem de caráter anedótico, em alguns momentos, que nos permite olhar para dentro do jornal a partir do ponto de vista de um jornalista que também fez parte da redação do *Diário*. O autor se preocupa em detalhar o contexto histórico de cada época e destacar os principais personagens que estabeleceram relações diretas ou indiretas com o jornal. É a partir deste livro que apresento a trajetória da fonte aqui analisada.

2.1 A Trajetória do jornal até o incêndio em 1954 e a reabertura em 1955

O jornal *Diário de Notícias* de Porto Alegre começou a circular no ano de 1925, sob comando de seu fundador Francisco de Leonardo Truda, que deixou o *Correio do Povo* em meio a uma disputa pelo poder para comandar o mais novo jornal do Rio Grande do Sul. Segundo Celito De Grandi, a imprensa gaúcha estava às vésperas de

⁵ Jornal diário fundado em Porto Alegre no dia 1º de outubro de 1895 por Francisco Antônio Vieira Caldas Júnior e ainda hoje em circulação. Destacou-se como órgão independente de vinculações partidárias, embora conservador, gozando de grande prestígio na imprensa do Sul do país. (CPDOC).

⁶ “Nascido em 1942, Celito começou a vida profissional como repórter do jornal *Diário de Notícias* no início da década de 1960 e posteriormente assumiu o cargo de diretor do jornal. Em 1970 foi Chefe-Geral de reportagem do Jornal *Zero Hora*, assumindo, nesse mesmo ano, a Direção da Sucursal do Jornal *Correio da Manhã*, em Porto Alegre, onde permaneceu até 1973. Em 1974 voltou aos “Diários Associados” para ocupar os cargos de Superintendente de Imprensa da Empresa e de Diretor do *Diário de Notícias*. Celito faleceu no dia 21 de novembro de 2014, na cidade de Porto Alegre”. (Trecho retirado do site <http://celitodegrandi.com.br/index.php>).

⁷ Admitido pelo *Diário de Notícias* em 1931 como revisor e escolhido em 1935 para ser Diretor do jornal na sede de Porto Alegre. Segundo Celito, a história de Ernesto Corrêa se confunde, muitas vezes, com a própria história do jornal. Corrêa faleceu em 1978, a partir das complicações causadas pelo câncer no estômago, um ano depois, em 1979 o *Diário de Notícias* de Porto Alegre fecha as portas. (GRANDI, 2005)

completar um século e o *Correio do Povo* completava trinta anos quando o *Diário de Notícias* nasceu para fustigá-lo. (GRANDI, 2005, p. 19)

A promessa era modernizar a imprensa gaúcha, deixando de lado os ataques políticos diretos e o conservadorismo, além disso, o jornal firmou o compromisso, através de seu editorial na capa, de “fugir, deliberadamente, ao sensacionalismo com que, mais de uma vez, nestes últimos tempos, se tem confundido a noção de jornalismo moderno”. (GRANDI, 2005, p. 21). Além disso, possuía, desde seu primeiro exemplar, o desejo de superar o *Correio do Povo* em todos os quesitos possíveis.

As edições de ambos, em 1º de março de 1925, um domingo, chegaram às bancas com dezesseis páginas, tamanho *standard*, oito colunas, o mesmo formato. Mas diferiam muito na apresentação gráfica e conteúdo [...] A primeira página do *Correio* priorizava pequenos anúncios, e o título da principal matéria era tímido em suas três colunas. Já o *Diário* apareceu com o editorial na capa e três manchetes em seis colunas encimadas por uma cartola. (GRANDI, 2005, p. 19)

O novo jornal, criado para superar as expectativas, ia aos poucos conquistando seu espaço no mercado conforme atraía a atenção dos leitores gaúchos a partir da incorporação de anúncios inovadores que eram distribuídos em meio às reportagens de cada edição. O breve período de 1928 a 1930 é bastante importante para o jornal, por dois motivos. O primeiro é o fato de o *Diário de Notícias* ultrapassar o *Correio do Povo* no número de exemplares vendidos pela primeira vez em 1928 e repetir o fato em janeiro de 1930, segundo Celito. O segundo motivo é a compra do jornal pelo grande empresário Assis Chateaubriand. Conforme o autor, às vésperas de eclodir a Revolução de 30, o empresário finalmente planta raízes no Rio Grande com grande e decisiva ajuda de Getúlio Vargas, para acertar a compra do *Diário de Notícias* de Porto Alegre. (GRANDI, 2005, p. 32).

Em 1932, durante a Revolução Constitucionalista, o *Diário de Notícias* é posto a serviço das forças paulistas que se organizam e se armam contra Vargas. O jornal acaba fechando, e seu editor chefe acaba na prisão. Chateaubriand também é preso e os *Diários Associados* passam a sofrer cada vez mais com a censura. Não há registro fiel sobre o período exato em que o *Diário de Notícias* deixou de circular em Porto Alegre nesse período. (GRANDI, 2005, pp. 44-45)

Depois das prisões e fechamento do jornal, Chateaubriand se vê obrigado a mudar o comportamento do *Diário* e abandona os ataques diretos ao governo do presidente Vargas. Para recuperar o número de vendas, precisou emitir uma nota desmentindo

rumores de uma nova orientação político-partidária dos *Diários Associados* (GRANDI, 2005, p.47). A fim de recuperar o prestígio entre os leitores, o jornal dá espaço a novidades em propagandas e cria novas colunas para todos os públicos.

Para dar início às inovações, em 1936, o jornal adota um novo serviço fotográfico assinando contrato com Wide World Photo de Paris, para incorporar o uso de imagens nas reportagens e atrair ainda mais a atenção dos leitores. Além disso, uma alteração na distribuição das reportagens, que também ajuda o jornal a demonstrar a mudança de comportamento a partir da alteração no foco das reportagens nacionais, preferindo adotar uma postura menos agressiva em relação ao noticiário nacional, que a partir desse momento foi colocado na última página, e para atrair a atenção para as reportagens internacionais que tomavam conta da capa do periódico. Essa transformação na maneira de distribuir as reportagens teria sido uma forma de “pedir desculpas” ao presidente e demonstrar que o jornal não possuía uma orientação política contrária ao governo.

Dessa forma, segundo De Grandi (2005), em 1937 Chateaubriand manda um recado aos seus subordinados: “tenhamos calma com o ditador”, o que demonstra a preocupação do empresário em agradar o presidente para não sofrer a censura como antes. Logo após esse “recado dado”, o *Diário de Notícias* publica a íntegra do texto da nova Constituição, em três páginas inteiras. Assim, Chateaubriand demonstrava que estava aderindo ao Estado Novo sem muita resistência. Tal comportamento fica explícito quando seus artigos acabam tornando-se propaganda para o regime ditatorial, e o presidente Vargas começa a ser chamado pelo grande empresário dos *Associados*, pela alcunha de “chefe”.

Em 1944, os dois maiores jornais impressos do Rio Grande do Sul, participam de uma briga pública iniciada a partir de uma publicação crítica do *Correio do Povo* sobre o poder dos *Associados*. As provocações do *Correio* são respondidas pelo *Diário* em mesmo formato de hostilidade, até que “o ano termina com a volta da promoção para leitores à primeira página do *Diário de Notícias* [...] e o *Correio* promete não voltar mais ao assunto que resultou na briga entre os grandes jornais” (GRANDI, 2005, pp. 64-65)

No ano seguinte, 1945, os *Diários Associados*, mesmo recebendo o pedido de apoio por parte de Vargas, o negam e atacam novamente o presidente e apoiam candidatura de Eduardo Gomes, principal nome de oposição à Getúlio Vargas, e a inevitável queda do presidente acontece.

O ano de 1950 foi bastante importante para os *Diários Associados*. Além do aniversário de 25 anos do *Diário* de Porto Alegre, a cadeia de jornais comemorava seu apogeu com o nascimento da televisão no Brasil com o início das operações da TV Tupi em São Paulo. É também o ano que Getúlio Vargas retorna à presidência da República, fato que não deixou Assis Chateaubriand muito feliz, segundo Grandi (2005).

Em 1954 o país viveu um dos momentos políticos mais turbulentos da história. No *Diário de Notícias*, após o atentado na Toneleros, a capa continuava servindo para noticiar os acontecimentos internacionais, mas a contracapa era dedicada cada vez mais à crise institucional.

Até o dia 24 de agosto de 1954, o *Diário* de Porto Alegre dedicou-se a pressionar o governo de Vargas como ainda não havia se visto. Até que chega a notícia do suicídio de Vargas e todos os ataques são cobrados por parte da população que, revoltada e à procura de culpados, ateou fogo na sede do jornal. Segundo Celito, nada restou, e assim o *Diário* de Porto Alegre encerra um ciclo de ascensões e queda.

Em março de 1955 o jornal retoma as atividades em galpões “situados num amplo terreno, a redação e as oficinas com frente para a rua Sete de Setembro e a distribuição feita pela Siqueira Campos. O equipamento gráfico era constituído de 8 linotipos, três tituleiras e uma velha impressora emprestada por Breno Caldas” (GRANDI, 2005, pp. 100-101). Apesar das dificuldades apresentadas o jornal volta ao mercado e apresenta novidades como, por exemplo, o lançamento da Feira do Livro de Porto Alegre, inaugurada no dia 17 de novembro de 1955.

2.2 A modernização do *Diário de Notícias*

A modernização da imprensa na década de 1950 ocasionou grandes transformações nos editoriais dos jornais brasileiros. O *Diário de Notícias* incorpora essas modificações de forma gradual. No ano de 1954, a partir do mês de julho, o jornal passa a adotar as novas formas de diagramação. As manchetes são apresentadas em formato diferentes com alguns elementos gráficos como estrelas que separam as reportagens, ou ainda desenhos que tornam-se o “logotipo” de algumas colunas. Segundo a autora Maria Helena Rolim Capelato, a diagramação tem grande importância para os jornais impressos já que,

O diagramador organiza as imagens, o título principal e secundários, a subdivisão dos textos com fios grossos e finos, espaços cheios e vazios, manipula o contraste entre o preto e o branco, considerados os principais elementos do trabalho gráfico. Na diagramação, afirma Rafael Souza e Silva, as ilustrações desempenham papel preponderante: as fotos, caricaturas, desenhos e anúncios, enxertados em meio aos textos, quebram-lhe a monotonia, imprimindo movimento ao todo. (CAPELATO, 1988, p. 17)

A distribuição das reportagens nas páginas do jornal acontecia como nos meses anteriores a julho de 1954. A capa era reservada exclusivamente para notícias internacionais e informações sobre o jornal, data, edição, número de páginas, etc. Na contracapa localizavam-se as notícias da política e da economia nacional. Páginas dois e três apresentavam as notícias locais e regionais, meteorologia, crônicas assinadas, comentários sobre temas relevantes no momento e muitas propagandas de diversos produtos e serviços. A quarta página trazia de forma quase religiosa, diariamente, a coluna de Assis Chateaubriand que tratava de diversos assuntos nacionais e internacionais, além da coluna “Notícias Militares” que tratava sobre assuntos da administração militar, como nomeação e exoneração de membros, aumentos nos salários, reivindicações das corporações, entre outras notícias relevantes sobre as instituições militares. As páginas cinco e seis eram dedicadas à vida social e editais diversos. A página sete, em grande parte das edições, é onde localizamos as notícias sobre crimes e contravenções. A página 8 tratava de informar ao leitor as programações de cinema, teatro, artes e rádio, além de ter um espaço dedicado a passatempos como cruzadinhas e piadas. Logo em seguida, temos a página de classificados, a de esportes e as últimas páginas que tratavam sobre notícias políticas nacionais e internacionais, assim como a primeira e a segunda eram dedicadas a assuntos regionais e locais.

Ao analisar a fonte, em muitas edições, apesar do número de páginas ser bastante diverso conforme o dia da semana⁸, foi possível perceber uma ordenação no jornal que possibilitava ao leitor entender a capa como primeira página e a contracapa como última ou vice-versa. Em alguns dias da semana era possível ter acesso à temáticas similares, com reportagens diferentes, sem necessariamente iniciar a leitura pela capa oficial do jornal. Por exemplo, se abrissemos o jornal pela página de crime⁹, teríamos

⁸ Terça-feira, 12 páginas; quarta-feira, 12 páginas; quinta-feira, 16 páginas; sexta-feira 12 páginas; sábado, 14 páginas; domingo, 32 páginas e segunda-feira, sem edições do jornal (“folga”)

⁹ Que estava geralmente situada na metade do jornal, e como a maioria dos dias da semana apresenta 12, 14 ou 16 páginas, o crime ficava na página 7. Aos domingos as páginas 13 ou 15 eram dedicadas ao crime, em grande parte das vezes.

praticamente a mesma ordem de notícias. As páginas anterior e posterior à do crime dedicavam-se à vida social e programações diversas, além de conter editais e propagandas relacionadas a moda masculina e feminina. As primeiras depois da capa oficial e últimas páginas, antes da contracapa, tratavam de assuntos nacionais, internacionais, regionais e locais, bem como a capa e a contracapa dedicavam-se a assuntos internacionais e nacionais respectivamente.

Ou seja, o leitor faria a ordem de leitura conforme seus interesses, sem necessariamente alterar a “ordem” das temáticas, que apesar de não serem apresentadas da mesma forma em todas as páginas, possuíam um ordenamento que fazia com que capa e contracapa fossem na verdade capa e capa, do meu ponto de vista.

Após o incêndio em agosto de 1954, o jornal encerra suas atividades por questões óbvias. Não tinham espaço nem material para trabalhar. Sendo assim, o jornal fecha durante seis meses e seus funcionários dedicam-se a reconstruir o “jornal da família Rio grandense” para que este retornasse às bancas. O jornal reabre em 1º de março de 1955 trazendo a mensagem reproduzida na Figura 1 abaixo.



Figura 1: Detalhe da capa do *Diário de Notícias*, 1º/03/1955, p. 1.

Fonte: *Diário de Notícias* de Porto Alegre, 1º/03/1955, p. 1.

A capa de março de 1955 apresenta uma ilustração e a manchete escrita em letras grandes “... E chegamos a tempo para as duas festas”. O desenho reproduz a reconstrução do jornal, com tijolos e carrinhos que levam cimento de um local para outro e muitas pessoas trabalhando. A mensagem sobre as duas festas refere-se ao retorno do jornal às bancas e ao aniversário de 30 anos de existência do *Diário de Notícias* de Porto Alegre, que seriam comemorados no ano de 1955. A segunda página exibe um apelo à nação: “A nação precisa superar a crise” diz a manchete principal localizada no canto direito da página. Na terceira página, vemos um grande texto, centralizado na parte superior, com uma reportagem que fala sobre a trajetória do jornal após a destruição dos prédios em agosto de 1954. “A consciência de dever gerou o milagre da ressurreição”, era o título de um grande texto, construído para relembrar aos leitores da existência do jornal, anunciando que a partir daquele dia o *Diário* retornaria às bancas para continuar sendo o mesmo “jornal da família Rio grandense” com o dever de manter a população informada. O texto, assinado pelo jornalista Claudio Candiota dizia:

A seis meses e dez dias precisamente, o *Diário de Notícias* era um monte de cinzas. Da investida selvagem de que fomos vítimas por parte de grupos que outra coisa não representavam senão a escória de Pôrto Alegre, nada sobrou; nem uma linotipo, nem um clichê, nem um tipo sequer. O que não foi saqueado foi devorado pelas chamas que completaram a obra dos salteadores. Nosso patrimônio material ficou reduzido a zero. Uma coisa porém, o saque e as chamas e a negligência das autoridades não conseguiram destruir: foi o patrimônio moral forjado em 30 anos de trabalho, em 30 anos de vigília, em 30 anos de abnegados serviços à coletividade rio-grandense. Foi com êste patrimônio que tem constituído a força motriz para todas as nossas lutas, que iniciamos na manhã de 25 de agosto a grande arrancada que iria encontrar no dia de hoje o seu ponto culminante. E se nossos leitores - nossos companheiros de todos os dias - quiserem saber como conseguimos êste recorde - a montagem de um jornal em apenas seis meses - responderemos que o entusiasmo, a consciência do dever, o conhecimento exato das responsabilidades que nos cabem perante a opinião pública do Rio Grande, são fatores suficientemente fortes para operar milagres.¹⁰

E é a partir desse discurso emocionado que o jornal retoma suas atividades.

Durante os primeiros meses de 1955 são adicionadas ao jornal títulos para as colunas que já existiam, como por exemplo, “Diário do Governo”, situada na segunda

¹⁰ Diário de Notícias, Porto Alegre, 1/03/1954, p. 3. Site da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>> Acesso entre: 10 mai e 31 dez. 2017.

página e dedicada a notícias sobre o governo do Rio Grande do Sul; “Diário da Assembleia”, que referia-se às notícias sobre a Assembleia Legislativa de Porto Alegre também localizada na página 2, em grande parte das vezes; “Diário social”, título dado à coluna social antes chamada de “Vida Social”. Além disso, foram criados espaços no jornal para o horóscopo diário e para a coluna “Panorama político” localizado na terceira página, geralmente. Também foi renomeada a coluna conhecida pelos leitores como “Vida Sindical”, que a partir da reformulação dos títulos apareceu com o nome de “Diário Sindical”, e foi criado na capa do jornal um local específico para a coluna “Nos 4 cantos do mundo” que trazia notícias de diferentes países, além daquelas que estavam relacionadas a Guerra Fria que também ficavam na página de capa.

Dessa forma, o jornal foi adaptando-se à modernização da imprensa, ao mesmo tempo que ia se reconstruindo para se manter no topo dos jornais mais vendidos do Rio Grande do Sul.

3. Crime e imprensa

Atualmente, grande parte das notícias em destaque nos principais telejornais são relacionados à criminalidade. Números de homicídios, superlotação do sistema carcerário, operações efetuadas pela polícia civil, número de prisões executadas pela polícia militar, são alguns dos temas recorrentes nos noticiários independentemente do horário, em grande parte das regiões do país. Ao contrário dos jornais impressos, a televisão e a internet passaram a ser os principais veículos de comunicação que dedicam espaço a crimes e ocorrências policiais que, com o aumento da criminalidade, chamam a atenção dos telespectadores e amplificam a sensação de insegurança e a própria percepção da criminalidade. Em trabalho acadêmico sobre mídia e crime e a relação entre imprensa e processo penal na atualidade, Julia Kreuz analisa a questão:

Enquanto o rádio - por sua natureza dinâmica - preza pela rapidez e pelo fato genérico, a televisão se atenta a todos os detalhes dos casos, por conta da possibilidade de haver imagens, e pelo maior tempo disponível a essa cobertura. Enquanto isso, o jornal impresso começa a pensar nessa editoria como "segurança pública", e não mais simplesmente o jornalismo policial. Já existe a preocupação de se explicar um fenômeno, além de cobrir puramente o crime factual. (KREUZ, 2016, pp. 53-54)

Os jornais impressos tiveram que modificar seus métodos de edição por dois motivos. O primeiro, diz respeito ao desenvolvimento da tecnologia dos dispositivos móveis e a falta de tempo das pessoas, que resultou na diminuição de leitores dos jornais impressos e no aumento do número de consumidores das “notícias rápidas”, que podem ser lidas a caminho do trabalho, ou em qualquer outro lugar, nos equipamentos portáteis. O segundo motivo, e o mais impactante para os jornais, foi a modificação na legislação referente a divulgação das imagens dos suspeitos e ao tipo de linguagem utilizada nas reportagens sobre crime. O sensacionalismo não pode desconsiderar a existência dos direitos humanos, e isso gerou grande dificuldade para atrair os leitores, já que é a linguagem sensacionalista que ajuda na venda do jornal, atraindo mais rapidamente a atenção do leitor.

O sensacionalismo era a principal ferramenta utilizada nos editoriais nos séculos XIX até meados do XX. O autor Danilo Angrimani define sensacionalismo como o ato de tornar sensacional um fato jornalístico que, em outras circunstâncias editoriais, não mereceria esse tratamento. Trata-se de sensacionalizar aquilo que não é sensacional,

utilizando-se para isso de um tom escandaloso, espalhafatoso. É a produção de noticiário que extrapola o real, que superdimensiona o fato. (ANGRIMANI, 1995, p. 16)

Ana Gomes Porto, em artigo sobre notícias de crime e literatura no final do século XIX, destaca que,

Nos crimes de sensação a descrição do estado da vítima era normalmente completa e minuciosa. [...] Para tornar a descrição mais complexa e científica, os resultados da autópsia vinham em seguida às primeiras impressões observadas na vítima. Tudo era descrito como fazendo parte de uma cena, a “cena de sangue”. Provavelmente estampar referências às vítimas era uma das maneiras de tornar a notícia mais longa e segurar a atenção dos leitores por mais tempo. (PORTO, 2004, p. 3)

Durante o século XIX, os jornais impressos utilizavam o discurso sensacional e a literatura naturalista nas reportagens criminais, pois se conseguia criar não somente uma expectativa pública com “casos empolgantes”, mas também emitir um determinado juízo moral, que era reforçado pelo campo da ciência e do determinismo. (PORTO, 2004, p. 8)

Na década de 1950, com a modernização da imprensa, alguns jornais impressos brasileiros adotaram o modelo norte-americano de fazer jornal, como já dito anteriormente. A linguagem sensacionalista dava, aos poucos, espaço a notícias menos carregadas de adjetivos e opiniões¹¹, o formato do jornal começa a ser padronizado com profissionais especializados contratados para tal diagramação, as notícias passam a ter local específico nas edições, ou seja, uma série de regras são criadas para a reformulação e reestruturação editorial dos impressos.

As técnicas americanas impuseram ao jornalismo noticioso um conjunto de restrições formais que diziam respeito tanto à linguagem quanto à estruturação do texto. Inspirado no noticiário telegráfico, o estilo jornalístico passa a ser mais seco e forte. A restrição no código linguístico - com uso de reduzido número de palavras, expressões e regras gramaticais - aumentava a comunicabilidade e facilitava a produção de mensagem. As regras de redação, além disso, supostamente retiravam do

¹¹ Apesar de muitos órgãos de imprensa ainda adotarem o “maravilhoso e o fictício” (ELMIR, 2009) para chamar a atenção do leitor.

jornalismo noticioso qualquer caráter emotivo e participante. (RIBEIRO, 2003, p. 148)

Mas tal modernização não significa o abandono das antigas práticas utilizadas para conquistar leitores. O sensacionalismo, e o discurso do maravilhoso ainda se encontrava presente em muitos periódicos, principalmente naqueles que se definiam para “as classes trabalhadoras”. A sobriedade prometida a partir da adoção das práticas norte-americanas tinha espaço bem definido no jornal, e o sensacionalismo aparecia em grande parte nas reportagens em que a atenção deveria ser direcionada, um exemplo disso é o noticiário sobre crimes.

Dedicar espaço aos crimes era importante na época, pois tais reportagens serviam de ressonância para a construção de estereótipos em torno da figura do criminoso nos setores populares, evidenciando estigmas físicos e traços de sua personalidade (NETO, 2009, p. 5). Além disso, alguns jornais reiteravam a prática policial como força de combate ao crime e aos criminosos, dando grande espaço a reportagens em que a ação da polícia era tema da manchete principal.

O crime será encarado, pelos intelectuais do século XIX, como um sinal visível da desordem social, e acreditava-se que o aumento do conhecimento da sociedade poderia contribuir para o controle ou até mesmo a eliminação desse tipo de “patologia social”. Dessa forma, foram elaborados novos conceitos e estratégias de controle e vigilância sobre os indivíduos mais pobres e suas práticas socioculturais admitidas, ou pelo menos toleradas em público. (NETO, 2009, p. 1)

Crime, violência e controle social passam a ser tratados de maneira particular nos noticiários, e dentro disso, a polícia torna-se protagonista, já que é através da imprensa que as tipificações e preconceitos serão transmitidos à sociedade. A função dos jornais em relação à prática policial é a de manter a sociedade alerta quanto aos “tipos criminosos” reiterando as imagens destes através das reportagens. Dessa forma, conforme Mauch (2003),

O jornal ao mesmo tempo lida com significados socialmente estabelecidos e manipula com símbolos e imagens que poderão ou não ser incorporados como novos significados. Mas isso não autoriza dizer que *todos* os significados com que o jornal trabalha são comuns para *toda* sociedade. (MAUCH, 2003, p. 46)

Ou seja, a imprensa tem a função de manipular as imagens que a população tem sobre determinados sujeitos, mas apesar disso, não se pode ter em mente que esse objetivo é alcançado em todos os setores da população da mesma forma, nem que toda a sociedade será manipulada conforme a intenção do jornal, pois conforme Chartier, a eficácia dos textos “depende da percepção e do julgamento de seus destinatários, da adesão ou da distância ante mecanismos de apresentação e de persuasão postos em ação.” (CHARTIER, 2002, p.178). Portanto, tudo depende da forma como são colocadas as informações e como serão absorvidas por aqueles que terão acesso a elas. Como não dispomos de fontes sobre como os leitores dos anos 1954-55 recebiam o noticiário policial, nesse trabalho analisaremos a forma como tais questões eram publicadas pelo *Diário de Notícias*.

Em Porto Alegre nos anos 1950 o policiamento era responsabilidade da Guarda Civil, criada em 1929 com a função de policiamento preventivo, e que junto com a Guarda de Trânsito formava a Polícia Civil, subordinada a uma Chefia de Polícia. Em 1947, segundo o Artigo 230 da Constituição Estadual, “a Polícia Civil tem a função de tornar efetivas as garantias individuais, a segurança e a tranquilidade pública e de prestar sua colaboração à justiça repressiva”. Dessa forma a Guarda Civil faz parte do quadro que formava o policiamento de Porto Alegre até 1964, quando é extinta pelo Regime Militar, diferente da Brigada Militar que depois do Regime fica sob o comando do exército (mas não sob o controle do mesmo).

A partir da Revolução de 1930, a Brigada Militar no Rio Grande do Sul passa por uma série de modificações estruturais. Em 1936, foi criada a Companhia de Guardas que servia especialmente para os serviços de vigilância no Porto de Rio Grande. Essa companhia foi a primeira unidade da Brigada Militar criada especialmente para a vigilância de uma comunidade antes da Companhia de Polícia Pedro e Paulo. (KARNIKOWSKI, 2010, p. 275). Em 1950 a Brigada Militar transforma-se em Corpo Policial do Estado do Rio Grande do Sul.

Essa Portaria [588/50] instruiu a Brigada Militar a realizar o serviço de ronda e vigilância em determinados distritos de Porto Alegre no sentido de assegurar a ordem pública, as garantias individuais e zelar pela moral e os bons costumes, além de fiscalizar e regularizar o trânsito da capital gaúcha. Esses serviços de policiamento seriam divididos com a Guarda Civil na distribuição dos lugares prestado. (KARNIKOWSKI, 2010, p. 278).¹²

¹² No ano de 1952 a Brigada Militar ganha seu primeiro estatuto, onde foram redefinidas as formas de ingresso na instituição. A partir do Estatuto era permitido o ingresso de todos os brasileiros natos ou

Nesse contexto de meados dos anos 1950, a imprensa moderniza-se, como já mostrado anteriormente, e apresenta ao leitor uma outra forma de noticiar os acontecimentos. O crime, que esteve nas pautas jornalísticas desde o século anterior, passa a ganhar espaço melhor definido e fixo nos jornais, assim como outras reportagens, que antes ficavam soltas ao longo das páginas do jornal. Algumas colunas passam a ser assinadas, mesmo que com pseudônimos. Fato que não ocorre nas páginas dedicadas ao crime no *Diário de Notícias* de Porto Alegre, que adota a assinatura das colunas policiais apenas no fim do ano de 1954 e em apenas alguns casos, quando os crimes não tinham grandes repercussões.

3.1 O Crime no Diário de Notícias

A relação entre a história e o crime é complicada. Até porque, sob o manto da palavra crime, podem existir acontecimentos muito diversos e apreciações distintas dos mesmos acontecimentos. Em última instância, pode-se dizer que o que se nomeia crime é produto de disputa social. A maior parte deles desaparece nos caminhos do tempo, até ser descoberto por algum antiquário a fazer coleção dos crimes do passado, a satisfazer curiosidades mórbidas de leitores sedentos de sangue. O que nos atrai? Talvez a constatação de que os crimes são produto e causa de paixões. (NETO, 2017, p. 13)

Esse subcapítulo tratará sobre como são reportados os crimes no *Diário de Notícias*, em que parte do jornal estão situados, quais enfoques predominam no ano de 1954 até o fechamento do jornal e no início de 1955, quando ele volta a circular. O objetivo é analisar quais mudanças as colunas policiais do *Diário de Notícias* de Porto Alegre sofrem ao longo do período, quem eram os “criminosos” descritos nesses noticiários e como eram construídas as manchetes, a partir das páginas do jornal.

Crime e violência, de modo geral, são assuntos que tem grande poder de atração, como mencionado anteriormente. Espanto, revolta e medo são alguns sentimentos que temos quando nos deparamos com o noticiário policial nos dias atuais. Em meados do século XX, conforme o autor Claudio Elmir, em seu trabalho sobre crime e imprensa na década de 1950,

naturalizados, não sendo mais permitido, como em 1937, o engajamento de estrangeiros na instituição militar.

Não existe um único espaço legítimo para a enunciação do crime, o que nos leva a pensar numa multiplicidade de discursos sobre a mesma questão, num mesmo tempo e num mesmo local, que demonstra a existência de lutas simbólicas desencadeadas desde o momento em que a coesão ou a unidade não são princípios definidores destes campos mas, ao contrário, a convivência tensionada reveladora de lutas cujo fim parece ser a garantia da exclusividade da fala autorizada ou legítima no ponto de vista de seus interlocutores. (ELMIR, p. 67, 1996)

A “fala autorizada ou legítima”, a qual o autor se refere, se dá em grande parte pela mídia, que detém, de certa forma, o “monopólio” da informação entendida algumas vezes como a verdade dos fatos. Sabemos que o jornalismo, na maioria das vezes tende a defender ou atacar algum dos lados da história, se não diretamente, nas entrelinhas das notícias. Grande parte da população que tem acesso aos meios de comunicação impressos, toma a informação passada no noticiário como verdade absoluta e por vezes, escolhe um dos lados, que muitas vezes é aquele que a mídia está “defendendo”.

Essa tendência é ainda maior em relação ao crime e a representação do criminoso, já que a forma como alguns jornais tratam estes assuntos levam o leitor a entender que o jornal passa a verdade absoluta do que ocorreu e muitas vezes esse leitor (que interpreta a reportagem conforme a intencionalidade do jornal) tende a atacar quem a “notícia” coloca como suspeito. E isso acontecia também em meados do século XX, conforme nos mostra Neto,

Após a modernização da imprensa em meados do século XX, o crime, iguaria servida tanto nos jornais como em outros suportes gráficos, ganhou espaço específico em ambos. Atentos à rentabilidade produzida por tragédias e delitos urbanos em toda ordem, editores perceberam que era hora de investir em algo que mais fortemente despertasse a curiosidade e ansiedade dos leitores, de modo que fossem levados ao envolvimento (debatendo e escolhendo um lado para defender) com as narrativas. Precisavam de algo que exigisse mais de uma edição para seu desfecho, suscitando a expectativa da próxima publicação, na medida em que os dramas recebiam teatralidade na forma como eram narrados. (NETO, 2017, pp. 27-28)

Não podemos esquecer que a imprensa ao longo do século XX torna-se uma grande indústria de informação regida pelas leis do capital. Sendo assim, o jornalismo como empresa tende a defender interesses dos grandes empresários que, por vezes, patrocinam essa nova indústria. Conforme Cunha, Lima, & Caetano (2011) no texto “A imprensa no Brasil e a grande imprensa em Minas Gerais: surgimento, hegemonia e declínio”,

Da segunda metade do século XIX em diante, a imprensa podia ser dividida como imprensa partidária e imprensa como empresa capitalista. Esta última de caráter burguês e mercantil, é a que apresentava as características hoje tidas como fundamentais do jornalismo: novidade, atualidade e aparente neutralidade (CUNHA, LIMA, & CAETANO, 2011, p. 3)

Para facilitar a identificação de pequenas mudanças e permanências nas páginas que tratam o crime no *Diário de Notícias* de Porto Alegre, serão feitas análises a partir de cada mês do ano de 1954 até início de 1955. Dessa forma será possível reconhecer a rotatividade das notícias sobre assuntos relacionados ao crime além de tentar compreender o que o jornal entende por crime a partir das reportagens colocadas no espaço escolhido pelo *Diário* para tratar de tais temas.

Em janeiro de 1954 o *Diário de Notícias* de Porto Alegre, disponibilizou uma única página para noticiar os casos de crime e violência que aconteceram nos dias do mês, com exceção da primeira edição de janeiro, que trouxe, além daquela página diária que tinha como função expor os crimes que ocorreram no dia anterior, uma página extra dedicada exclusivamente para relatar os crimes de maior repercussão no ano de 1953, uma espécie de retrospectiva da seção criminal e policial. Intitulada de “O crime não compensou no ano de 1953”, a página traz a referência de uma coluna do jornal que ocupou-se dos crimes em que os envolvidos acabam sendo presos ou mortos pela polícia. A coluna citada tinha o título de “o crime não compensa”.¹³

Podemos entender a página extra, apresentada no jornal no dia 1º de janeiro de 1954, como o meio do qual a polícia se utilizava para prestar contas de seu papel à sociedade, estabelecendo a ordem e reafirmando-se como símbolo de segurança para a população. Por outro lado, tal página também pode ser entendida como um espaço que a editoria do jornal dedicava para mostrar à população que o crime realmente não compensa e que, na maioria das vezes, resulta na morte ou na prisão dos envolvidos. Possivelmente a página cumprisse as duas funções, prestação de contas e recado às “classes perigosas”.

Segundo o autor Sidney Chalhoub, a expressão “classes perigosas” parece ter surgido na primeira metade do século XIX, utilizada pela autora Mary Carpenter em 1840. “Para a autora, as classes perigosas eram constituídas pelas pessoas que já

¹³ Diário de Notícias, Porto Alegre, 1/01/1954, p. 7. Site da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>> Acesso entre: 10 mai e 31 dez. 2017.

houvessem passado pela prisão, ou as que, mesmo não tendo sido presas, haviam optado por obter o seu sustento e o de sua família através da prática de furtos e não do trabalho” (CHALHOUB, 1996, p. 20). Mais tarde o termo foi usado a partir da ideia de que todos aqueles que não trabalhavam continuariam pobres, e sendo pobres carregariam vícios, esses vícios produziam malfeitores, e malfeitores são perigosos à sociedade e se juntar os extremos dessa cadeia, “temos a nova noção de que os pobres são, por definição, perigosos” (CHALHOUB, 1996, p. 22). Mas quando o termo é empregado para o contexto brasileiro, ainda no período imperial, segundo o autor, é aos negros pobres que as elites se referem.

No texto em questão, entendo como “classe perigosa” a população pobre, por vezes negra, que comete crimes ou infrações penais e acabam preenchendo o espaço dedicado ao crime nos impressos da época (e também nos dias de hoje). Os jornais publicam os crimes cometidos por pessoas pobres com maior frequência do que aqueles cometidos pela classe média ou até mesmo pelos policiais que também aparecem nos jornais, mas em menor número. Ao fazer isso, o periódico pode influenciar a opinião pública, repetindo um discurso de naturalização dos crimes e imoralidade entre os mais pobres e negros. Tal discurso, mesmo que não tenha sido criado pela imprensa, é por ela recriado e reforçado por meio da repetição dos fatos.

Seguindo na análise das notícias, o espaço que o jornal dedica ao crime ao longo do mês de janeiro em grande parte sofre pouca alteração. Temas semelhantes, mesmas mensagens, com diferença apenas nos destaques. O local de maior visibilidade era dado aos crimes de grande repercussão, pois apareciam mais de uma vez na semana e dão a entender que por ainda não estarem completamente resolvidos (não resultando nem na prisão nem na morte dos envolvidos) mereciam um lugar de evidência na página. Nesse espaço a reportagem era quase sempre centralizada na parte superior da página, com grandes manchetes e com o uso de palavras como “macabro”, “misterioso”, “vigarista”, “perigoso”, “malfeitores”, “pivetes”, “delinquentes” entre outros adjetivos escritos de forma destacada para atrair a atenção do leitor diretamente para a reportagem em questão. A utilização de imagens também era frequente, dependendo da gravidade do crime, ou ainda da classe social da pessoa envolvida. Imagens de pessoas menos privilegiadas eram vistas mais vezes do que imagens de policiais envolvidos em escândalos, por exemplo.

Os meses de fevereiro, março e abril, seguiram nesse mesmo formato. As colunas “O crime não compensa” e “Na polícia e nas ruas” eram intercaladas durante a semana.

Em março, os destaques foram dados para as seguintes manchetes: “Quadrilha de estelionatários desmascarada e presa pela polícia”, “Contrabando de uísque encontrado na maloca da polícia”, “Preso em flagrante o empregado desonesto quando fazia compras em nome de seu patrão”, “Julgamento do tenente Bandeira”¹⁴, “Preso na madrugada de 27 de março assassino da maloca do Riacho”, “Escravizados pelo macumbeiro os menores dormiam como porcos”, “Parasita autor de vários assaltos em Torres, fugiu para Porto Alegre”, e o caso, até então não resolvido, da morte da zeladora que foi assassinada no mês de fevereiro.¹⁵ Esses títulos mostram a diversidade de casos que são colocados em destaque ao longo do mês, e apesar de existirem pelo menos três onde a polícia é a protagonista do crime, as outras tratam sobre pessoas comuns supostamente envolvidas em crimes e/ou contravenções penais e, sem antes haver julgamento por meios legais, são lançadas ao julgamento público, do qual parte da sociedade participa, através das páginas do jornal.

O caso do julgamento do Tenente pode ser entendido com o intuito de mostrar à população que todos aqueles que se envolvem em questões de natureza ilegal são passíveis de punição, inclusive os detentores do poder de promover a ordem e a segurança da população.

No mês de abril, repercutem crimes como “Assassinato na Rua Castro Alves”, “Empregadinha ladra presa pela Delegacia de Costumes”, “Oferecida a denúncia contra os engenheiros construtores do edifício Chaves Barcelos”, “Tentativa de fuga do Tribunal de Justiça”, “Militares participavam do ataque à escola”, “Preso o vigarista que se fazia passar por sargento”, “Doméstica atacou sua companheira de serviço a golpes de machadinha”, “Incidente entre um inspetor de polícia e um motorista do D.C.T.”¹⁶ Percebe-se a necessidade do jornal em apresentar adjetivos ou a profissão dos sujeitos nas manchetes para que, antes de realizar a leitura da reportagem, o leitor já tenha uma prévia de quem o jornal está falando. Quando se trata de classes menos privilegiadas o uso de adjetivos é mais frequente em relação a manchetes que descrevem irregularidades e crimes cometidos por membros da polícia ou por pessoas

¹⁴ Noticiado durante quatro dias pelo jornal, e nas quatro reportagens sobre o caso, a notícia era “segundo” destaque, já que ênfase maior era dada a outros crimes que envolviam “pessoas comuns”.

¹⁵ Diário de Notícias, Porto Alegre, mar/1954, p. 7. Site da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>> Acesso entre: 10 mai e 31 dez. 2017.

¹⁶ Diário de Notícias, Porto Alegre, abr/1954, p. 7. Site da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>> Acesso entre: 10 mai e 31 dez. 2017.

pertencentes a alta sociedade de Porto Alegre, ou outras regiões. Nestas os adjetivos são menos frequentes, indicando quem era mais visado como “perigoso” pelo jornal, que busca atrair a atenção dos leitores através de meios como o uso ou não de algumas classes de palavras.

Para exemplificar a diferenciação do uso de adjetivos quando o crime se refere a pessoas menos privilegiadas serão utilizadas as reportagens cujas manchetes são “Empregadinha ladra presa pela Delegacia de Costumes” e “Oferecida a denúncia contra os engenheiros construtores do edifício Chaves Barcelos”.

A primeira reportagem trata sobre uma jovem empregada doméstica que furtou objetos da casa dos patrões. A partir da citação podemos perceber o uso exagerado de adjetivos e da ênfase da localização e do tipo de moradia das pessoas envolvidas:

Sueli Terezinha Porciúncula, 18 anos de idade e uma carinha ingênua começou a trabalhar em serviços domésticos na residência do Dr. Nilo Pereira Luz, na Rua Demétrio Ribeiro nº 105, no domingo último. Dois dias depois a empregadinha com cara de santa furtou da casa de seus patrões duas malas com roupas de uso, calçados e objetos no valor de mais ou menos 5 mil cruzeiros. A esposa do Dr. Nilo Luz passando os olhos no álbum de meretrizes da Delegacia de Costumes, identificou a empregada e pediu às autoridades daquela especializada para localizar a ladra. Agentes da DEC conseguiram na tarde de ontem (quarta-feira) encontrar Sueli Terezinha Porciúncula, quando ela já estava de partida com a “moamba” de uma casa de cômodos na Rua Ramiro Barcellos próximo a Voluntários da Pátria. Levada ao gabinete do Delegado Fernando Azambuja a empregadinha-ladra-com-cara-de-anjo confessou a autoria e indicou uma casa onde estariam os envolvidos no furto [...] todos foram presos.¹⁷

A segunda reportagem não usa de adjetivos para classificar os envolvidos, nem na manchete nem ao longo da reportagem, fato que nos leva a pensar que o acontecimento não foi tão grave quanto parece, mas que assusta quando vemos que a denúncia foi levada adiante apenas um ano após o ocorrido:

Em março de 1953, o jovem operador cinematográfico Pedro Mariano de Alcântara C. de Matos, funcionário do cinema Imperial, teve morte horrível ao ser atingido na cabeça por um dos caibros de sustentação da marquise do edifício Chaves Barcellos na esquina da rua dos Andradas com a rua Gen. Câmara. O trágico acontecimento pelas circunstâncias em que ao verificou, teve grande repercussão popular. Independente do acordo amigável entre as partes (que chegaram a um valor de indenização) teve sua tramitação regular o inquérito aberto pela Delegacia de

¹⁷ Diário de Notícias, Porto Alegre, 1/04/1954, p. 7. Site da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>> Acesso entre: 10 mai e 31 dez. 2017.

Segurança Pessoal a fim de estabelecer a responsabilidade criminal dos indiciados. Foram ouvidos os engenheiros responsáveis pela obra. Antônio Maria Rubio e Vitório Lemieszeczek foram considerados responsáveis pelo acontecimento. O inquérito foi encaminhado pelo Dr. Paulo Veiga promotor de justiça da 5ª Vara Criminal que apresentou a denúncia contra os engenheiros. Antônio Maria e Vitório Lemieszeczek por crime de homicídio culposo. A denúncia considera que os engenheiros na condição de responsáveis diretos pela obra e tinham o encargo de estabelecer a segurança necessária através de fiscalização dos trabalhos de colocação dos cabros e andaimes. Oferecida a denúncia, os autores foram encaminhados ao juiz de Direito da 5ª Vara Criminal que deverá designar os dias de audiência dos acusados pelo crime de homicídio culposo os engenheiros denunciados estarão sujeitos a pena de um a três anos de detenção.¹⁸

A primeira reportagem desqualifica a pessoa envolvida, e em alguns momentos a julga culpada por ter sido encontrada no “álbum de meretrizes” da polícia¹⁹. O tom debochado da matéria para com a jovem ao mesmo tempo mostra aos leitores o perigo representado pela presença de “empregadinhas” em “casa de família”, um tema recorrente na imprensa brasileira desde o século XIX. A segunda trata de uma denúncia aos engenheiros de uma obra cujo desabamento, no ano de 1953, causou a morte de um funcionário do cinema Imperial. Esta matéria, apesar de tratar de um crime de homicídio, não traz nenhum indício de desqualificação dos sujeitos envolvidos, pelo contrário, não há qualquer adjetivo para descrever os acusados. Existe apenas a informação de que eles seriam encaminhados ao juiz e se fossem considerados culpados estariam sujeitos a três anos de detenção. Ou seja, a informação é noticiada de forma mais objetiva, diferente do caso da “empregadinha-ladra-com-cara-de-anjo”, cujo nome é inclusive citado na matéria.

A partir disso podemos perceber que existe, no jornal, uma hierarquia de crimes, que podem ou não ser considerados importantes, dependendo de quem são os envolvidos. Nesse caso, os envolvidos eram uma empregada doméstica, pobre, identificada em uma foto arquivada pela polícia em um “álbum de meretrizes” e de outro lado temos dois engenheiros, responsáveis por uma grande obra de Porto Alegre, apontados como culpados pela promotoria e que seriam levados à justiça um ano após ocorrer a morte do funcionário do cinema.

¹⁸ Diário de Notícias, Porto Alegre, 13/04/1954, p. 7. Site da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>> Acesso entre: 10 mai e 31 dez. 2017.

¹⁹ O que pode ser considerado bastante comum para a época, já que “moças de família” eram bastante respeitadas enquanto as “meretrizes” simbolizavam vergonha e eram subjugadas pela sociedade.

Não podemos afirmar que o jornal possui algum interesse objetivo ao retratar dessa forma os acontecimentos, mas também não podemos deixar de observar que há uma diferenciação na forma como o jornal trata os que pertencem à classe média e os que fazem parte das classes menos favorecidas da sociedade. A noção de “classes perigosas” estaria, desse modo, sendo constantemente recriada e reforçada através do jornal pela reiteração desses estereótipos do perigoso, violento e imoral mais ainda com a associação desses adjetivos às imagens de pessoas pobres. Ou seja, segundo Mauch, nesse sentido, as representações utilizadas e elaboradas pelos jornais e pelas autoridades policiais sobre o “povo” ou as “classes perigosas” podem ser encaradas como constitutivas do processo de auto identificação das elites, que veem a si mesmas como diferentes desses outros sobre os quais falam. (MAUCH, 2003, p. 167)

A intenção do jornal que se auto intitula “jornal da família Rio Grandense”, a meu ver, é defender uma parcela da sociedade para que não haja prejuízos financeiros e/ou políticos ao jornal. Para isso, o jornal determina a quem as reportagens precisam atingir direta e indiretamente, e como os acontecimentos podem ser reportados sem que as palavras utilizadas atinjam aqueles que patrocinam o meio de comunicação, neste caso, o *Diário* de Porto alegre. Além disso, o jornal acaba fazendo uma “propaganda” positiva do papel exercido pela polícia, que em ambos os casos esteve presente exercendo sua função, através da manutenção da ordem e segurança da sociedade.

Os elogios à polícia estão na maior parte das vezes nas entrelinhas das reportagens. Quando os policiais exercem sua função, tanto guardas civis quando brigadianos, eles são colocados como agentes na frase, por exemplo “Apreendido pela polícia contrabando de aguardente” ou “Preso pelo soldado o meliante”, a ordem de palavras do título mostra que a polícia está exercendo sua função na sociedade, e quando a polícia é atacada de alguma forma, o jornal usa títulos como “delinquente recebe policial a tiros”, “Meretriz assassinou o policial”, ou seja, nessas frases a polícia é passiva, recebendo as ações dos “delinquentes” e “meretrizes”.

O fator a ser analisado aqui são as representações das pessoas “comuns”, o jornal raramente deixa de usar uma linguagem ofensiva para retratar as pessoas envolvidas em crimes, usando, em grande parte das vezes, os adjetivos para desqualificar a pessoa. O leitor, antes de criar o próprio julgamento sobre determinadas situações já tem esse julgamento feito pelo jornalista que escreve a reportagem, ou pelo editor que “corrige” os “defeitos” da mesma.

A mesma adjetivação não é utilizada para qualificar o papel da polícia, pois isso já é feito no momento em que o policial militar ou guarda civil é posto como agente da situação, efetuando prisões ou agindo em legítima defesa para promover a ordem e manter a população em segurança.

Em maio de 1954 ocorre um fato que muda a posição do jornal em relação à polícia. A morte de um jornalista no Rio de Janeiro resulta na mudança de foco do *Diário de Notícias* de Porto Alegre. Nestor Moreira, jornalista do “*A Noite*” é morto durante uma briga com um taxista e a culpa é associada a um membro integrante da polícia do Rio de Janeiro. A classe dos jornalistas se une e ataca ferozmente a instituição. A partir desse fato, o jornal começa a noticiar escândalos que aconteciam nas delegacias, abusos policiais e a corrupção na instituição, de forma que essas informações passam a ganhar espaço de destaque nas páginas do *Diário* de Porto Alegre.²⁰ Em junho, as páginas sobre crime ganham duas novas Colunas policiais, “Nos 4 cantos da cidade” e “Rosa dos ventos maus” que na verdade são apenas títulos para colunas de notícias que já apareciam no jornal diariamente. Furtos, roubos, mortes, sequestros, vigarices e gatunagens de todas as formas e que aconteciam na cidade de Porto Alegre ou nas cidades vizinhas, apareciam na coluna intitulada “Nos 4 cantos da cidade”. Crimes de maior repercussão ou que haviam sido esclarecidos pela polícia, ou até mesmo cometidos por ela, apareciam na coluna “Rosa dos Ventos maus”. Esta última coluna nos exemplifica como se dava o uso de adjetivos como “bem” e “mal”, como se houvessem apenas pessoas “más” ou pessoas “boas”, geralmente as “más” aparecem nas colunas policiais, já as “boas” são aquelas que compram o jornal e se informam por ele.²¹ No mês de julho, o jornal ganha um ar de modernidade, e começa a ter uma padronização no formato e espaço das reportagens policiais que fazem parte da modificação do *layout* do jornal. Uma nova diagramação torna o *Diário* mais organizado na questão estética. As notícias que antes eram espalhadas ao longo da página, agora passam a ter espaço fixo e frequência definida. Creio que isso acontece em função da adoção das técnicas norte-americanas, que em alguns jornais vai

²⁰ Diário de Notícias, Porto Alegre, 1954. Site da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>> Acesso entre: 10 mai e 31 dez. 2017.

²¹ Diário de Notícias, Porto Alegre, jun./1954. Site da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>> Acesso entre: 10 mai e 31 dez. 2017.

acontecendo de forma gradual. Acredito ser o caso do *Diário de Notícias* de Porto Alegre.²²

Agosto foi um mês bastante turbulento no ano de 1954, como já vimos no contexto histórico da época. As reportagens sobre crime são apresentadas no mesmo formato de julho e com a mesma frequência, a diferença está no fato de que o jornal estava bastante focado na questão política envolvendo as acusações a Getúlio Vargas.²³

3.2 A polícia no jornal

As reportagens policiais do jornal *Diário de Notícias* podem ser divididas em dois momentos no ano de 1954. O primeiro é aquele em que aparecem mais crimes comuns, como por exemplo furtos, roubos, gatunagem de modo geral, em que a polícia é mostrada através de seu papel fundamental no controle e na punição dos criminosos. A polícia nesse momento surge como símbolo de segurança para a sociedade. O segundo momento é marcado pelo citado assassinato do jornalista no Rio de Janeiro no mês de maio de 1954.

A partir desse episódio os jornalistas passam a tratar a polícia com maior frieza. Os abusos policiais passam a ser expostos de maneira mais frequente pelo *Dário de Notícias* de Porto Alegre (após a morte do jornalista no Rio de Janeiro) e a impressão que se pode ter enquanto leitor é a de que o jornal está cumprindo com sua obrigação de noticiar os fatos sem defender um ou outro lado. Não podemos dizer no entanto que o jornal torna-se imparcial pois fica nítido, em alguns momentos, que o tom das reportagens é de revolta.

Com as denúncias feitas no jornal sobre os abusos cometidos pela polícia colocadas em destaque na página que trata sobre os crimes, podemos verificar a evidência da transformação no foco do *Diário* em relação à polícia quando, a partir de um determinado episódio, enfatiza-se o lado “ruim” da instituição. Denúncias de corrupção dentro de setores da polícia, assassinatos e violências cometidas por policiais no Rio Grande do Sul, em Porto Alegre e arredores começam a aparecer com mais frequência

²² Diário de Notícias, Porto Alegre, Site da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>> Acesso entre: 10 mai e 31 dez. 2017.

²³ Diário de Notícias, Porto Alegre, ago./1954. Site da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>> Acesso entre: 10 mai e 31 dez. 2017.

e de forma proeminente através de manchetes impactantes e situadas no centro ou do lado direito superior das páginas dedicadas ao crime, lugares onde ganham maior destaque.

A análise das colunas policiais e da distribuição das reportagens sobre crimes nas páginas do jornal se dará, portanto, através dessa divisão, para que possamos perceber a alteração do discurso do jornal a partir do episódio que separa esses dois momentos.

O assassinato do jornalista Nestor Moreira, no dia 12 de maio de 1954 causou grande comoção nos meios impressos de comunicação da época. A notícia da morte trouxe à tona um submundo policial, que até então era “aceito” quando se tratava da morte de supostos criminosos e contraventores, mas neste momento colocou em choque toda uma classe de profissionais. O fato ocorre no estado do Rio de Janeiro, mas grande parte dos jornais de outros estados se solidariza com a tragédia. O *Diário de Notícias* de Porto Alegre é um dos jornais que dias após a morte do jornalista, trouxe mais de uma página em que o caso estava presente. Jornalistas de outros jornais deram o espaço de suas colunas assinadas para posicionarem-se quanto ao ocorrido. Não se trata de uma reportagem corriqueira de morte e violência policial, a questão agora é o exercício da imprensa, trata-se de censura, ataque à liberdade de imprensa, silenciamentos.²⁴

Antes do assassinato do jornalista, o *Diário de Notícias* de Porto Alegre costumava colocar as notícias que apresentavam ações e excessos policiais de forma mais discreta, ou quando se tratava de um caso de crime, os envolvidos apareciam apenas após punição, ou em vias de serem punidos. Como exemplo, temos o caso de dois policiais envolvidos na fuga de dois criminosos, apresentado no subcapítulo abaixo, sobre a coluna “o crime não compensa”.

Depois do caso Nestor Moreira, o *Diário* passa a colocar em destaque os escândalos, excessos e até mesmo crimes cometidos por integrantes da polícia, de forma que se possa observar a ruptura que acontece na relação entre imprensa e defesa da ação policial nas páginas do jornal *Diário de Notícias* de Porto Alegre.

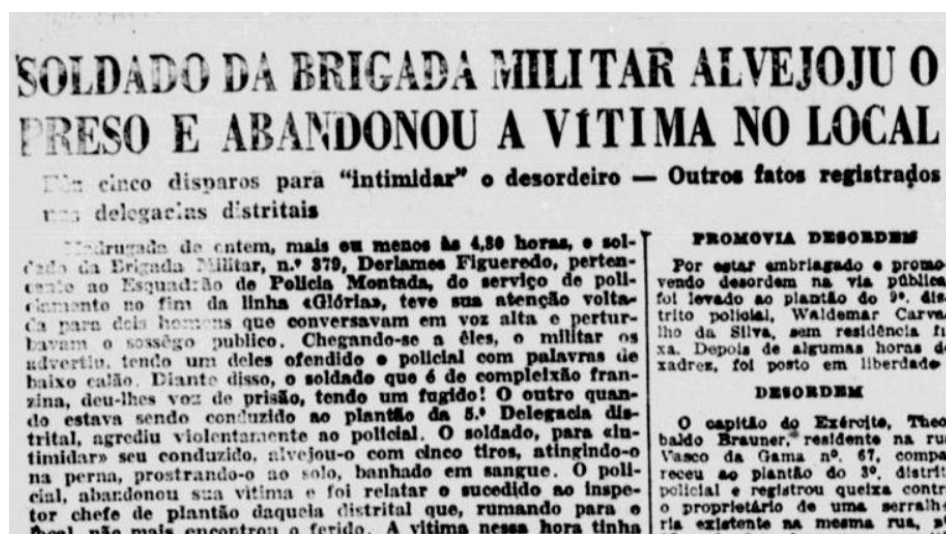
²⁴ *Diário de Notícias*, Porto Alegre, 19/53/1954, pp. 2 e 7. Site da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>> Acesso entre: 10 mai e 31 dez. 2017.

Para ilustrar a diferença que existe entre o antes e depois do fato ocorrido no Rio de Janeiro, trago duas reportagens²⁵ sobre a exposição que o Diário faz da ação policial nos dias 13 de fevereiro e 19 de maio²⁶



Figura 2: Reportagem do *Diário de Notícias* que trata sobre a morte de um “bandoleiro” após este reagir a abordagem dos policiais, 13/02/1954, p. 7.

Fonte: *Diário de Notícias* de Porto Alegre, 13/02/1954, p. 7.



²⁵ Retiradas do jornal *Diário de Notícias* de Porto Alegre dos dias 13/02/1954 e 19/05/1954, respectivamente. Ambas encontradas na página 7 de cada edição. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>> Acesso entre: 10 mai e 31 dez. 2017.

²⁶ Dia em que o jornal publicou textos em repúdio ao ato do policial do Rio de Janeiro. As imagens que demonstram a mudança de postura do jornal em relação a ação policial estão nos Anexos 1, 2 e 3.

Figura 3: Reportagem do *Diário de Notícias* que trata sobre o soldado que alvejou preso durante abordagem e abandonou o corpo da vítima no local. 19/05/1954, p. 7.

Fonte: *Diário de Notícias* de Porto Alegre, 19/05/1954, p. 7.

Podemos observar a partir dos títulos das reportagens que há uma diferenciação nos modos como os criminosos (ambos mortos pela polícia) são identificados. O primeiro é um “bandoleiro”, que por ter reagido a abordagem policial parece ter “merecido” ser baleado e morto pelos policiais. Já o segundo, que é reportado como “vítima”, foi morto pois, segundo a reportagem, havia fugido após ser abordado e, para intimidar o sujeito, o policial fez uso de cinco disparos, levando o rapaz a óbito.

Duas reportagens e duas caracterizações diferentes sobre os criminosos. Acredito que essa diferença em adjetivar os sujeitos faz parte dos métodos usados pela imprensa para que o leitor veja os casos conforme a visão dos jornalistas. Dessa forma o jornal molda os conceitos e preconceitos que serão atribuídos a determinados títulos e reportagens a partir da ordem das palavras usadas. Colocar o criminoso como vítima, na segunda reportagem, é igualar o policial ao “vilão” de modo bastante sutil, mas que uma leitura atenta nas entrelinhas da reportagem identifica rapidamente. Como o jornal costumava tratar os casos policiais como uma disputa maniqueísta entre o bem e o mal, se a polícia não está do lado do bem, só pode estar no lado mau. Sendo assim, a partir das reportagens analisadas (acima e dos Anexos 1, 2 e 3) podemos propor que o jornal passou a tratar a polícia de forma mais agressiva depois que um dos colegas jornalistas é vítima de um caso de violência policial. Antes do caso, a polícia era tratada no jornal como a autoridade máxima da ordem, da moral e bons costumes que praticava sua função com maestria e divulgada na coluna “o crime não compensa”, que foi praticamente uma propaganda das ações dos policiais nas ruas.

3.3 “O crime não compensa”

O *Diário de Notícias* de Porto Alegre possuía uma página diária dedicada aos crimes, como já citado anteriormente. Os crimes noticiados eram aqueles que aconteciam na cidade de Porto Alegre, nas cidades vizinhas e em outras regiões e Estados do Brasil, que apareciam quase diariamente no jornal.

Existiu no jornal, até o final do mês de maio de 1954, situada na página sobre crimes, uma coluna denominada “O crime não compensa”. Esta coluna não era diária e não possuía uma frequência definida de apresentação nas edições. Como o jornal tinha edições com números de páginas diferentes para cada dia da semana, a coluna aparecia junto com as demais reportagens relacionadas aos crimes que ocorriam no dia ou noite anterior à publicação da edição. Geralmente, pelo que pude perceber a partir da pesquisa na fonte, a página dedicada ao crime ficava na metade do jornal e estava situada entre a página de vida social e a página de passatempos e programação de cinema e teatro. Na mesma página sobre crimes eram publicadas reportagens diversificadas, entre elas acidentes de trânsito, incêndios (criminosos ou não), vigarices e gatunagens em geral.

Havia um espaço vago na página dos crimes que, em grande parte das edições, era usado para propaganda de produtos variados, mas esse lugar também servia para rotatividade de notícias que vinham de acordo com a conjuntura vivida no país. Por exemplo, a coluna “Vida Sindical” (Anexo 4), que tratava de notícias regionais e locais e que na maior parte das edições era colocada nas páginas três ou quatro do jornal, em certa edição começou a aparecer na mesma página dos crimes. O momento político é de reaproximação do governo com os sindicatos, através do Ministro do Trabalho João Goulart. Outro exemplo é a apresentação de pequenas reportagens sobre as religiões de matriz africana na parte inferior da página.

Para exemplificar o formato dos textos, serão usados dois trechos de reportagens que nos mostram a ocorrência da informação citada no trecho acima. A primeira trata sobre a coluna “Vida Sindical”²⁷,

Boa acolhida entre os trabalhadores teve a reforma da previdência social – Impressões de líderes sindicais: Em face do movimento verificado entre as classes conservadoras, contrário à reforma introduzida no terreno da previdência social, com a publicação do decreto n 35.448 de 1 do corrente era natural que a reportagem procurasse ouvir o outro lado, isto é, os representantes das entidades de trabalhadores. O primeiro líder classista, a ser entrevistado foi o Sr. Bernardino Caetano Fraga [...] Falando com sua habitual franqueza, assim se expressou: “As inovações introduzidas, no âmbito da previdência social, constituem uma vitória dos trabalhadores gaúchos, que há muito, se batiam pelos melhoramentos ora postos em prática. Quando da realização do Congresso Sindical, nossa representação insistiu na necessidade dessa reforma.”²⁸ (*Diário de Notícias*, 14/05/1954, p. 7)

²⁷ Apresentada no Anexo 4.

²⁸ *Diário de Notícias*, Porto Alegre, 14/05/1954, p. 7. Site da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>> Acesso entre: 10 mai e 31 dez. 2017.

Sobre religiões-afro no Rio de Janeiro²⁹ o jornal traz a seguinte reportagem:

Os Tantãs enlouqueceram a vizinhança – Cinco jovens “iaôs” estava sendo iniciados num terreiro de Cordovil para se tornarem “Babalô Orixá”. O barulho dos tambores e do “ajá” (campainha) não deixava ninguém dormir, daí o pedido de providência à polícia. Esta chegou e acabou com o batuque levando para delegacia os personagens da estranha seita, vestidos à caráter.³⁰

Segundo as reportagens, podemos entender que ao aproximar na diagramação da página as notícias de crimes com as sobre religiões afro-brasileiras, e as sobre os sindicatos, a editoria do jornal, mesmo que não deliberadamente, colocava o leitor diante de supostos perigos e desordens.

As reportagens colocadas na coluna “O crime não compensa” tratavam geralmente de crimes que haviam sido solucionadas pela polícia. Ou seja, antes de ser solucionado, o crime era colocado em outras partes da página, ganhando destaque ou não dependendo do caso e quando a polícia conseguia prender ou matar os suspeitos criminosos, a reportagem era colocada sob o título de “o crime não compensa”. Alguns exemplos de notícias que foram colocadas na coluna, durante os meses de janeiro a maio de 1954 são: “Expulsos da Brigada Militar os soldados cúmplices de ‘Vavá’ e Richard”, “Descoberta e presa a quadrilha de ‘pivetes’, autora de vultuoso furto”, “Perigoso ‘contista’ foi preso, ontem, depois de executar diversos golpes”, “Ladrão ferido e preso por brigadiano da 2ª DP”, “Doméstica atacou sua companheira de serviço a golpes de machadinha”, “Tentou violentar a dama, reagiu à prisão e foi ferido a bala”, “O inspetor de polícia ficava com o dinheiro para o emplacamento”, “Preso em flagrante um empregado desonesto quando fazia compras em nome de seu patrão” e “Bandoleiro foi morto pela polícia quando resistia e reagia à prisão”.

Para exemplificar, utilizarei duas manchetes, a primeira sobre os soldados expulsos da Brigada considerados cúmplices de dois suspeitos de crimes³¹ e a segunda sobre o “bandoleiro” morto pela polícia enquanto reagia à prisão³².

²⁹ Apresentada no Anexo 5.

³⁰ Diário de Notícias, Porto Alegre, 12/02/1954, p. 7. Site da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>> Acesso entre: 10 mai e 31 dez. 2017.

³¹ Reportagem retirada do jornal *Diário de Notícias* de Porto Alegre do dia 8/01/1954, página 7. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>> Acesso entre: 10 mai e 31 dez. 2017.

³² Reportagem retirada do jornal *Diário de Notícias* de Porto Alegre do dia 7/02/1954, página 7. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>> Acesso entre: 10 mai e 31 dez. 2017.

O CRIME NÃO COMPENSA

EXPULSOS, ONTEM, DA BRIGADA MILITAR, OS SOLDADOS CÚMPLICES DE "VAVÁ" E RICHARD

Foram expulsos, ontem da Brigada Militar, os três soldados que possibilitaram a fuga de "Vavá" e Richard. Elso Ramos, Francisco Soares Moreira e Orestes Nunes dos Santos, os cúmplices da dupla de criminosos, ouviram o boletim que os expulsava, postados frente a duzentos ex-colegas de farda.

Juntamente com Elso, Francisco e Orestes foram designados do 1º Batalhão de Caçadores, os soldados Wilson Alves Pereira e Olavo Miguel dos Santos subornados por "Vavá" e Richard para conduzi-los a uma casa de tolerância, e mais Floriano Rodrigues dos Anjos, que ingressara na Brigada Militar ocultando que cumprira pena de dois anos, anteriormente, na Casa de Correção.

Após a leitura do boletim os soldados expulsos foram conduzidos em trajes civis à Divisão de Investigações do Departamento de Polícia Civil, a fim de responderem processo por conivência com os assassinos de Antonio Morosini.

Elso, Francisco e Orestes, durante a cerimônia de expulsão, estiveram em posição de sentido, demonstrando profundo

abatimento. Não foram despojados da farda que desonoraram com sua criminosa atitude, frente a seus ex-colegas, e ouviram o ato de expulsão já em trajes civis. Segundo colhemos, esta cerimônia de expulsão é a primeira que se verifica no 1º Batalhão de Caçadores, nos últimos anos.

BRIGA EM GUAIBA

O guarda civil em serviço no Hospital de Pronto Socorro comunicou à delegacia de Qualidade que naquele hospital deram entrada os operários Amarante Pereira da Silva e Lotario Floriano, residentes na Granja Arroz dos Ratos, daquele município, ambos apresentando ferimentos graves. Os operários ficaram internados naquele socórnio. Interrogados pelo guarda civil, disseram que foram feridos durante um conflito que se estabeleceu naquela granja, entre operários que estavam num botecoim a beber.

GATUNOS NO HOTEL

O sr. Francisco Gabriel Dequach, hospede do quarto n. 2 do Hotel Rosario, à rua Vigário José Inácio, comunicou às autoridades da delegacia de furtos que fora vítima de gatunos que lhe furtaram quatro fatiotas, objetos diversos, duas notas promissórias no valor total de 25.000 cruzeiros.

ARROMBAMENTO

A residência da sra. Alice Weisand, residente à avenida Guaporé, 209, foi assaltada por gatunos, na madrugada de ontem. Os meliantes arrombaram uma das portas do prédio e furtaram joias, roupas e dinheiro no valor de 6.000 cruzeiros.

VISITAS INDESEJÁVEIS

Ao regressar de uma viagem ao Interior do Estado, o sr. Luiz Amarante Peixoto Azevedo, residente à rua Anchieta, 404, encontrou sua casa assaltada por gatunos. Verificou, então, que os meliantes penetraram na residência após arrombarem uma das janelas do prédio. Deu pela falta de joias, roupas e dinheiro, tudo avaliado em mais de trinta e cinco mil cruzeiros.

FURTO

José de Oliveira Camargo, residente à rua Uruguai, 348, proprietário de um prédio em construção na estrada nova do Cristal, comunicou às autoridades do 6º distrito que gatunos furtaram daquela obra vários materiais para construção, no valor de 5.000 cruzeiros.

GATUNOS EM AÇAO

O sr. Valler Martins, residente à rua Humberto de Campos, 428, solicitou providências à polícia por ter sido vítima de gatunos, que arrombaram uma das portas de sua residência e de lá furtaram ferreiragens, roupas, objetos e dinheiro no valor de 3.000 cruzeiros.

Figura 4: Reportagem do *Diário de Notícias* que trata o envolvimento de dois policiais na fuga de dois criminosos. Os policiais são expulsos da Brigada.

08/01/1954, p. 7. Fonte: *Diário de Notícias* de Porto Alegre

O CRIME NÃO COMPENSA

LADRÃO FERIDO E PRESO POR BRIGADIANO DA 2.ª D. P.

O delinqüente agrediu o policial, fisicamente inferior, obrigando-o a fazer uso da arma — Outros fatos

Otilio Helen Alencar, soldado da Brigada Militar destacado no posto policial da Vila Santa Luiza, foi chamado, na tarde de ontem, a atender uma ocorrência num local próximo. O praça dirigiu-se para o endereço dado, lá encontrando dois gatunos que pretendiam realizar o furto de uma trouxa de roupas. O brigadiano mandou os homens fazer alta, precipitando a sua fuga em desabalada carreira, o que o obrigou a mover-lhe cerrada perseguição. Um dos homens, lá pelas tantas, resolveu parar e dar combate ao policial enquanto o outro fugia. Ladrão e soldado atacaram-se mutuamente, levando a parte o brigadiano, inferior fisicamente ao gatuno. O soldado, ao ver-se dominado, sacou o revólver e abalvou o adversário, atingindo-o no pé esquerdo. O ladrão, nessa altura, decidiu entregar-se sendo levado ao Hospital de Pronto Socorro, onde foi medicado. Depois do curativo o homem foi recolhido ao endereço da 2.ª Delegacia de Polícia, onde foi identificado como sendo Pedro dos Santos, conhecido e fichado como ladrão pelas autoridades da Delegacia de Furtos.

ESFAQUEOU O COBRADOR

As 230 horas de ontem o cobrador Antônio Toledo, da Carris, casado, brasileiro, com 18 anos, residente à avenida Lavras, 387, ao sair de sua residência encontrou-se com o capitão do Exército Afonso Mendes Dipp, seu vizinho, e os dois passaram a discutir levados por velha rixa. No meio da discussão Afonso sacou de uma faca e avançou contra Antônio fustigando-o com vários golpes e ferindo-o, por duas vezes, no braço e no ventre. Gravemente ferido, o cobrador caiu ao solo, ocorrido por pessoas que ali passa-

vam e por seus familiares. Antibiótico foi conduzido ao Hospital de Pronto Socorro onde ficou internado em estado grave.

CARROCEIRO VITIMA DE ACIDENTE

Deu entrada ontem no Hospital de Pronto Socorro Otacilio Caetano, residente na avenida Bento Gonçalves, 510, apresentando fratura exposta da perna esquerda e outro ferimento no braço. Interrogado pelo guarda civil n. 17, em serviço naquele socórnio, Otacilio disse que transitava pela avenida Bento Gonçalves dirigindo a carroça de sua propriedade, rumo a um sítio no bairro da Agronomia, onde ia fazer compras de verdura, quando em dado momento o cavalo assustou-se e saiu a galope desenfreado. Com o choque que a carroça levou Otacilio caiu ao solo e uma das rodas passou-lhe por cima da perna esquerda fraturando-a, assim como sobre o braço.

Otacilio encontra-se internado no Hospital de Pronto Socorro.

Figura 5: Reportagem do *Diário de Notícias* sobre a prisão de um criminoso que supostamente agrediu um policial durante a abordagem. 07/02/1954, p. 7.

Fonte: *Diário de Notícias* de Porto Alegre

Ambas as reportagens retratam o papel exercido pela polícia nos casos em questão. Na primeira, dois policiais, representantes da ordem, moral e bons costumes aparecem na manchete como cúmplices da fuga de dois criminosos. O “crime não compensou” nesse caso pois os dois representantes da lei foram punidos e a partir disso o jornal mostra que membros da polícia, em geral, são íntegros mas quando um policial envolve-se em crimes ou escândalos, são condenados da mesma forma que qualquer cidadão seria. Nesse caso os policiais foram expulsos da corporação numa “cerimônia” de humilhação diante dos colegas, conforme descreve a coluna.

O segundo caso é sobre um sujeito que iria cometer crime de roubo e, ao ser abordado pela polícia, reagiu ao policial sendo atingido no pé por arma de fogo. Podemos, a partir da manchete, entender que a polícia exerceu seu papel na sociedade, punindo o crime e estabelecendo a ordem. Segundo a reportagem do jornal, o policial agiu em legítima defesa, já que o sujeito ao ser abordado partiu para cima do policial, que era “fisicamente inferior” ao “ladrão”, obrigando o policial a fazer o uso da arma de fogo. O sujeito envolvido em um furto (chamado de ladrão e gatuno pela reportagem), estava acompanhado de outra pessoa que fugiu ao ver a reação do policial militar. O homem que teve seu nome divulgado no primeiro parágrafo da reportagem, foi levado ao Pronto Socorro de Porto Alegre e liberado para ir à delegacia após ter feito curativo na ferida de bala do tiro que levou no pé.

O objetivo aqui não é verificar a “realidade” dos fatos de cada reportagem, até porque, se tratando de pesquisa em fontes como a imprensa escrita não temos como saber o que, de fato, aconteceu. O objetivo é analisar as representações do crime e a partir disso identificar como determinados sujeitos são retratados nas reportagens e de quais métodos a imprensa se apropria para formular caracterizações e para definir determinados grupos³³.

Sendo assim, percebemos a importância que o jornal vê em colocar nas manchetes o resumo do caso, já com o desfecho, apresentando o título de “o crime não compensa” para que o público leitor entenda que independente de quem seja o criminoso, há

³³ Como o *Diário de Notícias*, especificamente, se apropria do fato e o modifica a partir dos “jogos de palavras” apresentados nas manchetes que são a vitrine para que a notícia seja lida e recebida pelo leitor como a “realidade” do que aconteceu.

punição, e independente de qual seja o crime, a polícia estando envolvida ou não, a instituição policial no geral exercerá seu papel, que é manter a ordem e assegurar a segurança da sociedade.

Depois do mês de maio, a coluna não é mais utilizada pelo jornal, mas existem outros elementos interessantes de serem analisados na página policial, que sofrem alterações no formato e na diagramação. Segundo Ribeiro (2003):

As inovações gráficas dos jornais [...] impuseram um estilo mais ordenado. As manchetes e títulos passaram a ser padronizados e a ter uma coerência interna. Recursos editoriais e formais, típicos de revistas, passaram a ser utilizados nos jornais diários. Subtítulos, entretítulos, *boxes*, textos complementares movimentavam e embelezavam as páginas, tornando a sua leitura mais agradável. (RIBEIRO, 2003, p. 151)

Assim, o jornal aos poucos adota o estilo norte-americano incorporado pela imprensa do Rio de Janeiro e São Paulo na virada dos anos 1950, mas que por estar sendo introduzida de forma gradual, chega ao *Diário de Notícias* de Porto Alegre em meados de 1954.

3.3 Crimes famosos

O *Diário de Notícias* de Porto Alegre apresenta no ano de 1954 diversos casos que ganham destaque nas páginas criminais, mas existem dois acontecimentos que marcam as edições do jornal por se tratar de duas mortes que colocam em cheque a função da polícia na sociedade de diferentes formas.

A primeira é a morte da zeladora Maria Billar de Oliveira, no edifício São Luiz, em Porto Alegre, na madrugada do dia 5 de fevereiro de 1954. O caso é noticiado pelo jornal até o mês de maio de 1955 quando supostamente é solucionado pela polícia. Na primeira notícia sobre o caso, o título aparece em destaque: “Misterioso assassino matou a facão a zeladora do edifício São Luiz”. Na reportagem consta a foto da zeladora morta no meio do corredor do prédio.

No dia seguinte, 6 de fevereiro, o título da manchete era “Continua um mistério o crime da Rua Barros Cassal – Apesar dos esforços da Delegacia de Segurança, nenhuma luz foi lançada, ainda, sobre o crime do edifício São Luiz”. Nesse dia, o jornal reforça a postura que mantinha em defender a ação policial, e deixa claro na manchete, como podemos perceber, que a polícia vinha empreendendo todos os seus esforços para solucionar o crime, mas que até aquele momento, não obteve sucesso. No dia 19 de

fevereiro, o jornal “reproduz” o caso, (conforme Anexo 6), a partir da reconstrução do local do crime em forma de desenho apresentado em destaque no centro da página sete desta edição. Acreditava-se, no dia 18 de agosto de 1954 que os policiais haviam descoberto o paradeiro dos suspeitos da morte da zeladora, e o jornal noticia o fato com o título, “Estaria descoberto o assassino da zeladora?”, a reportagem dizia:

“Confessou o crime um suspeito recolhido ao xadrez da 5ª D. P. – Um dos presos incomunicáveis recolhidos entre 12h30 e 13 horas de ontem, pelo inspetor Albano Machado, à Delegacia do 5º Distrito, confessou o crime da madrugada de 4 de fevereiro – Não foi possível identificar, ouvir e fotografar o criminoso.³⁴

Em 20 de agosto, segundo reportagem, um escafandrista foi contratado para procurar instrumento do crime que causou a morte da zeladora. A polícia ainda não tinha certeza de que “Lagartixa” fosse o assassino, apesar de suas reiteradas confissões.

Por fim, no dia 26 de maio de 1955, um ano e três meses após a ocorrência do crime, foi identificado um dos foragidos “da Casa de Correção, prêso em Londrina, o meliante que tiroteou com a polícia do Paraná e foi apontado como co-autor do “crime da zeladora” novamente recolhido ao xadrez”.³⁵ Dessa forma o jornal põe fim a saga do crime da zeladora.

O outro episódio de destaque é a morte do jornalista Nestor Moreira no Rio de Janeiro, no dia 12 de maio de 1954 (Anexos 7 e 8). Quatro dias após o crime ocorrido no Rio de Janeiro, há um grande apelo do *Diário* ao fato ocorrido, o jornal dedica espaço a muitas reportagens e colunas dedicadas a morte do jornalista representando repúdio em relação a ação policial naquele dia e em apoio a classe de profissionais da imprensa. A edição do dia 16 de maio inicia, dessa forma, uma saga onde são expostos diariamente os abusos policiais cometidos após o trágico assassinato do colega jornalista do Rio de Janeiro.³⁶

No dia 19 de maio o jornal dedica espaço à notícia de entrega do inquérito à justiça, sobre o caso de Moreira. No mesmo dia o jornal traz informações sobre o protesto dos jornalistas gaúchos em repúdio ao ocorrido em 12 de maio. A partir de 20 de maio, são

³⁴ Diário de Notícias, Porto Alegre, 18/08/1954, p. 7. Site da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>> Acesso entre: 10 mai e 31 dez. 2017.

³⁵ Diário de Notícias, Porto Alegre, 16/05/1955, p. 7. Site da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>> Acesso entre: 10 mai e 31 dez. 2017.

³⁶ Diário de Notícias, Porto Alegre, 16/05/1954, p. 7. Site da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>> Acesso entre: 10 mai e 31 dez. 2017.

expostos de forma bastante explícita os abusos policiais cometidos em todas as regiões do país. Esse noticiário ocupou outras páginas além daquela diária que era dedicada aos crimes. A ênfase das reportagens era a polícia do Rio de Janeiro. O dia 1º de junho a manchete dizia: “Querem virar o feitiço contra o feiticeiro”, e na reportagem estavam presentes as informações sobre a tentativa de reversão do crime. O policial envolvido no caso, segundo a reportagem, apresentou versão de que o jornalista teria sido atropelado pelo próprio motorista.³⁷

No dia 3 de agosto de 1955 foi reconhecido sumário de culpa de “Coice de mula”, apelido do policial envolvido na morte do jornalista. Nesse dia a reportagem trata sobre o julgamento em que foram ouvidas as testemunhas do caso. O encerramento seria ainda naquela semana.

A partir dos casos expostos, podemos perceber que o jornal nos caracteriza dois tipos de polícia. A primeira que apesar da demora para concluir um caso de morte “misteriosa” acaba por exercer sua função quando encontra os culpados pelo crime. A segunda, é aquela que também comete crimes e se enquadra na tipificação criminosa, na qual há má fé ao realizar o ato criminoso na delegacia, ocasionando na morte do jornalista, por uma questão política, já que aconteceu no Rio de Janeiro, capital do Brasil na época, e onde havia uma preocupação maior em reprimir qualquer tipo de “ameaça” ao Governo, principalmente aquelas vindas dos jornais. Essa repressão dava-se principalmente através da censura, como vimos anteriormente, mas às vezes poderia fugir do controle, como foi o caso da morte do jornalista Moreira na delegacia

Segundo Adorno e Dias (2014) a repressão aos crimes e o crescimento da violência urbana são acompanhados do aumento da violência policial, cujas raízes remontam às tradições autoritárias da sociedade brasileira (ADORNO & DIAS, 2014, p. 192) Ou seja, a polícia detém a autorização para cometer excessos, desde que estes sejam praticados em nome da lei e da ordem. No caso do jornalista do Rio de Janeiro, a polícia estava exercendo o papel de representante do estado, e como Nestor Moreira era famoso por seus ataques ao governo, possivelmente foi morto por conta de seu posicionamento nas reportagens escritas para o jornal “*A Noite*”, do Rio.

Aqui, posso apenas fazer referência ao que foi analisado no discurso das reportagens e não ao que de fato aconteceu, mas as reportagens nos mostram grande

³⁷ Diário de Notícias, Porto Alegre, 1/06/1954, p. 7. Site da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>> Acesso entre: 10 mai e 31 dez. 2017.

comoção dos profissionais da imprensa e junto a isso, uma pressão para que o crime fosse solucionado.

Fato parecido ocorre no caso da zeladora, em que o jornal acompanha o crime e o transforma em uma saga, onde sem a identificação e punição dos culpados tornava o crime cada vez mais misterioso. Uma zeladora encontrada morta a facadas no corredor do prédio em que trabalhava, nenhum suspeito no momento que a polícia encontra o corpo. A arma do crime não havia sido encontrada, segundo as reportagens. Esse crime, foi um dos que mais teve elementos de mistério, utilizados pelo jornal para construir uma saga em busca dos culpados.

Os elementos literários que os jornais utilizavam durante o século XIX foi bastante empregada neste caso. Vingança, roubo seguido de morte e traição eram as hipóteses que as reportagens davam ao leitor. Cada uma das edições em que o crime era reportado trazia uma suposta novidade do que havia acontecido na madrugada de 5 de fevereiro de 1954. Os leitores eram atraídos possivelmente pelo tom de novela que o jornal deu ao caso. Cada “capítulo” trazia um mistério diferente, e assim as reportagens ganhavam cada vez mais destaque na página de crime. *Layout* diferenciado e reprodução da planta do local do crime eram recursos para manter a atenção do leitor à medida em que o mistério se arrastava. Quando os culpados são descobertos, o jornal noticia a incerteza da polícia sobre a real culpa dos acusados. Talvez pelo receio de encerramento do inquérito e o fim da “novela” que o crime se tornou, o jornal levou pouco mais de um ano para noticiar o fim definitivo da saga sobre “o crime da zeladora”. O desfecho do caso foi morte por vingança, já que o assassino da zeladora havia sido seu amante e foi abandonado depois que ela se casou. O ex amante, portanto, vingou-se da mulher e do esposo, matando a zeladora Maria Billar a facadas no corredor do prédio em que ela trabalhava. Assim os leitores que acompanharam o caso foram recompensados com um grande fim trágico, que envolvia traição, morte e vingança, que resultou da reprodução da trama nas páginas policiais do *Diário de Notícias* de Porto Alegre.³⁸

³⁸ Diário de Notícias, Porto Alegre. Site da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional .Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>> Acesso entre: 10 mai e 31 dez. 2017.

4. Considerações finais

Após apresentar a pesquisa realizada sobre crime e ação policial no *Diário de Notícias* de Porto Alegre, podemos concluir que os discursos utilizados no jornal possibilitam a identificação de mudança de postura do jornal em relação a ação policial a partir da morte do jornalista Nestor Moreira no Rio de Janeiro. Antes do fato ocorrido no dia 12 de maio de 1954, o jornal representava a polícia como autoridade máxima da ordem e da moral a partir de reportagens de exaltação ao papel policial na coluna “o crime não compensa”.

Por discurso do jornal entende-se a forma como são apresentados os sujeitos, a partir de ausências ou presenças de determinadas classes de palavras, como adjetivos, por exemplo, ou ainda a inversão da ordem das frases, empregadas para que o leitor possa identificar “vilões” e “mocinhos” através do título de cada reportagem.

A partir da modernização incorporada pela imprensa brasileira na década de 1950 e da conjuntura política do ano de 1954, podemos analisar quais os enfoques o jornal deu durante um período tão conturbado quanto este, e quais eram as posturas do jornal frente a este contexto. O ataque da imprensa ao governo Vargas não fazia com que outros fatos e ocorrências deixassem de existir, e foi justamente esta a ideia em tratar sobre o crime em meio a tantos outros acontecimentos, já que crimes não deixam de existir para que os acontecimentos políticos ou econômicos tomem conta de todas as páginas dos jornais. O espaço dedicado a um assunto como crime precisa existir de forma que os leitores possam saber quem são os criminosos e, a partir disso, criar seus próprios medos e preconceitos reiterados pela imprensa. A função policial também precisa ser igualmente noticiada para que se reforcem a importância do poder de autoridade que garante a manutenção da segurança e da ordem da sociedade.

A mídia tem papel essencial em demonstrar por meio de tipificações e caracterizações quem são os “mocinhos” e “vilões” dos quais a população precisa glorificar e ter medo. Nesse caso, o *Diário de Notícias*, modifica sua postura “elogiosa” frente ao papel exercido pela polícia apenas depois que um dos representantes da classe jornalística perde a vida por um excesso cometido por um membro da polícia. Essa mesma polícia que tem dever de manter a segurança de todos os cidadãos, também é aquela envolvida em escândalos de corrupção e que é denunciada por cometer abusos de sua autoridade através de abordagens violentas, conforme as reportagens apresentam.

Por fim, o trabalho buscou expor a forma como eram representados os crimes, os sujeitos envolvidos e a ação policial e como as reportagens com essas temáticas eram dispostas no jornal, seu formato, seus títulos e os usos exagerados de adjetivos que por vezes desqualificavam os sujeitos. Se estes últimos fossem de classes menos privilegiadas, o jornal fazia o crime cometido parecer muito mais grave do que era. Quando membros da classe média apareciam nas páginas criminais, o jornal tratava de usar as palavras com mais cuidado e atenção. Quando a reportagem tratava da ação policial (antes da morte do jornalista Nestor Moreira no Rio de Janeiro), os casos de sucesso da polícia apareciam na coluna “o crime não compensa”, em destaque na página, exaltando os policiais por terem cumprido seu papel na sociedade. Após a morte do jornalista, o *Diário de Notícias* de Porto Alegre, passa a dar mais destaque aos casos de abusos e escândalos que envolviam a polícia, e assim foi durante longo período, até que o jornal é incendiado e fecha durante seis meses. Quando reabre, as notícias sobre práticas policiais voltam aos poucos ao lugar de menos destaque.

Não há como averiguar nesse trabalho a veracidade dos fatos noticiados, mas sabemos que os casos policiais transformados em notícias são frequentemente tomados como verdades. Por isso podemos dizer que a imprensa tem a intenção de nos influenciar de diversas formas, entre elas o emprego de termos que irão identificar dentro da sociedade os representantes do “bem” e do “mal”, em relação aos quais precisamos “defender” ou “atacar”. A partir de escolhas feitas dentro das redações por editores que estão trabalhando para defender interesses particulares de empresários, políticos, do “mercado” ou dos próprios jornalistas, o leitor tem contato com imagens estereotipadas construídas sobre os perigos que ameaçam a vida cotidiana.

5. Referências Bibliográficas

Fonte:

Diário de Notícias de Porto Alegre, 1954-1955. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>> Acesso entre: 10 mai e 31 dez. 2017.

Bibliografia:

ABREU, Alzira Alves de; WELTMAN, Fernando Lattman-. Fechando o cerco: a imprensa e a crise de agosto de 1954. In: GOMES, Ângela de Castro et al. (Org.). **Vargas e a Crise dos anos 50**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994. cap. 1, p. 23-59

ADORNO, S., & DIAS, C. (2014). Monopólio estatal da violência. In.: R. S. LIMA, J.L. RATTON, & R. G. AZEVEDO, **Crime, polícia e justiça no Brasil** (p. 522). São Paulo: Contexto.

ANGRIMANI, Danilo. **Espreme que sai sangue: um estudo do sensacionalismo na imprensa**. São Paulo: Summus, 1995.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. **A imprensa e História do Brasil**. São Paulo: Contexto, 1988.

CHALHOUB, Sidney. **Cidade febril: cortiços e epidemias na Corte Imperial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. 59 p. Disponível em: <<http://www.edufrn.ufrn.br/bitstream/123456789/733/1/CORTI%C3%87OS.%20Cidade%20febril%20corti%C3%A7os%20e%20epidemias%20na%20corte%20imperial.%20CHALHOUB%20Sidney.%201996.pdf>> Acesso em: 18 nov. 2017.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural entre práticas e representações**. Col. Memória e sociedade. Trad. Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

_____. A beira da falésia: história entre certezas e inquietudes. Traduzido por Patrícia Chittoni Ramos - Porto alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 2002.

_____. **Defesa e ilustração da noção de representação**. Palestra Pouvoirs et limites de la notion de représentation proferida pelo professor Roger Chartier em 7 de maio de 2010 no Colloque franco-allemand “Représentation/ Darstellung”, realizado pelo Institut Historique Allemand de Paris. Tradução de André Dione Fonseca e Eduardo de Melo Salgueiro. Publicação: *Fronteiras*, Dourados/MS. v.13, n.24, pp. 15-29, jul/dez. 2011. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/gthistoriaculturalrs/nocaoderepresentacao.pdf>> Acesso em: 30 dez. 2017.

CUNHA, V. A., LIMA, A. G., & CAETANO, P. H. (2011). **A imprensa no Brasil e a grande imprensa em Minas Gerais: surgimento, hegemonia e declínio**. Trabalho apresentado no GT de jornalismo do VIII Encontro Nacional de História da Mídia, 15p.

DE LUCA, T. R. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, C. B. (org.). **Fontes Históricas**. São Paulo; Contexto, 2005. p. 111-153. Disponível em

< <https://lehmae.files.wordpress.com/2013/04/scan0117.pdf>>. Acesso em 20 ago. 2017.

ELMIR, Cláudio Pereira. **O Crime da Última Hora: Porto Alegre na Passagem dos Anos Cinquenta**. Dissertação de Mestrado em História. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós Graduação em História. Porto alegre, 1996, 247 p.

_____. **A ficção e o maravilhoso no discurso jornalístico**. Estudos Ibero-Americanos, PUCRS, v. 35, n. 2, p. 127-147, jul./dez. 2009. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/iberoamericana/article/view/5350>> . Acesso em: 17 nov. 2017.

FAUTO, Boris. **Getúlio Vargas: o poder e o sorriso**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GRANDI, Celito De. **Diário de Notícias: O romance de um jornal**. Porto alegre: L&PM, 2005. 224 p.

KALIFA, Dominique. **História, crime e cultura de massa**. *Topoi*, v. 13, n. 25, jul./dez. 2012, p. 185-192.

KREUZ, Julia Regina Camargo. **Mídia e Crime: um estudo sobre a relação entre imprensa e processo penal**. Trabalho de Conclusão de Curso; Comunicação Social – Curitiba/UFPR, 2016. Disponível em: <[KARNIKOWSKI, Romeu Machado. **De Exército Estadual à polícia-militar: o papel dos oficiais na policialização da Brigada Militar \(1892-1988\)**. Tese de Doutorado; Sociologia – Porto Alegre: UFRGS, 2010.](http://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/45124/Midia%20e%20Crime%20-%20Um%20estudo%20sobre%20a%20relacao%20entre%20imprensa%20e%20processo%20penal%20-%20Julia%20R%20C%20Kreuz.pdf?sequence=1&isAllowed=y.>>. Acesso em: 12 out. 2017.</p>
</div>
<div data-bbox=)

MAUCH, Cláudia. **Ordem Pública e moralidade: imprensa e policiamento urbano em Porto Alegre na década de 1890**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004.

_____. **Considerações sobre história da polícia**. *Métis*. Caxias do Sul, v. 6, n. 11, p. 107-117, 2007.

NETO, Francisco Linhares Fonteles. O lugar do crime na imprensa brasileira. In: CARNEIRO, Deivy Ferreira; BRETAS, Marcos Luiz; ROSEMBERG, André. **História, violência e criminalidade: reflexões temáticas e narrativas regionais**. Uberlândia: EDUFU, 2015. p. 89-104.

_____. **O crime do Boulevard: A sensacional e misteriosa morte de Edith Davis**. Mossoró, RN: EDUERN, 2017. 116 p.

PORTO, Ana Gomes. **Histórias de Sensação, crimes sensacionalistas: notícias de crime e literatura no final do século XIX**. *Anais do XVII Encontro Regional de História - O lugar da História*. ANPUH/SP UNICAMP, Campinas, 2004. Disponível em:<<http://www.anpuhsp.org.br/sp/downloads/CD%20XVII/ST%20XI/Ana%20Gomes%20Porto.pdf>> . Acesso em 15 nov. 2017.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. **Jornalismo, literatura e política: a modernização da imprensa carioca nos anos 1950**. *Estudos Históricos*, nº31. Rio de Janeiro, 2003. Disponível em

<<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewFile/2186/1325>> . Acesso em 15 nov. 2017.

RIBEIRO, Lucas Cabral. **História das polícias militares no Brasil e da Brigada Militar no Rio Grande do Sul.** Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH/ São Paulo, 2011. Disponível em: http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1313022007_ARQUIVO_textoANPUH.pdf Acesso em 17 nov. 2017.

Sites:

VIDA e Obra de Celito De Grandi. Disponível em: <<http://celitodegrandi.com.br/vida.php>>. Acesso em: 09 dez. 2017.

Sobre a Guarda Civil: <http://atom.ippdh.mercosur.int/index.php/policia-civil-e-guarda-civil-do-estado-do-rio-grande-do-sul>. Acesso em: 30 dez. 2017.

Anexo 1

Reportagens do jornal *Diário de Notícias* de Porto Alegre sobre a polícia após a morte do jornalista Nestor Moreira no Rio de Janeiro. (Anexo 1, 2 e 3).



Reportagem retirada do *Diário de Notícias* de Porto Alegre, 25/05/1954, página 4. Dias depois da morte do jornalista Nestor Moreira no Rio de Janeiro. Fonte: Diário de Notícias, Porto Alegre. Site da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> > Acesso entre: 10 mai e 31 dez.

Anexo 2

Denunciadas outras violencias mais do brigadiano que espancou o paralitico

HA MAIS DE UM ANO QUE VEM PRATICANDO IMPUNEMENTE SUAS ARBITRARIEDADES

Um inquérito "normal" determinado pelo delegado de policia, para reduzir o exagero da denuncia — A população de Cai pede a transferência dos soldados do Destacamento da Brigada Militar

Reportando-se ao brutal e covarde espancamento de que foi vítima, dia 2 da corrente, paralitico João Rodrigues, por paralitico João Rodrigues, por parte de um grupo de brigadianos estabelecidos no Destacamento local, cuja foto vimos noticiando ampliamente, "o Município", daquela cidade, publica, em sua edição de domingo próximo, além de brilhante reportagem sobre o assunto, uma lista de pessoas que já mais de um ano vêm sofrendo as consequências da arbitrariedade que pratica sempre, desqualificando, divergendo ainda, infelizmente, a fábula da brava Brigada Militar do Estado.

Entre as fatos denunciados pelo nosso confrade de Cai consta a prisão ilegal de Afonso Teixeira, o espancamento de um cabo do Exército na frente de um cinema, e espancamento de Maria Claudina Barreto e

Detal chegou para passar revista nos presentes. A vítima foi operada pelo dr. Breno Casati e a violência esportada dando ao seu autor a certeza da impunidade, estorvado para novos e mais graves atentados. Por motivo de um simples desentendimento entre ele — soldado Alexandre — e um menino, filho de um americano, no interior de sua casa de madeira, foi a vítima tortura e conduzida ao posto policial, apesar de ser o seu pai também juiz distrital.

Pela vez, esse mesmo brigadiano, com todos esses antecedentes, vai a passar com um grupo (isso está limitado) às 12,30 horas do dia 2 de junho de 1954, dirigiu contra a casa de um autor e ainda espancou seu pai paralitico e estorvado quando ele pretendia fazer uma queixa ao seu superior, Sr. Barotimando, que e

PELOS 4 CANTOS DA CIDADE

AGRESSÕES ASSALTOS A MÃO ARMADA

1 — O SR. AGOSTINHO FELIX BRANCO, residente à rua "Orelhão" nº 121, esteve na polícia de Cai, alegando que foi espancado de Tal, mas reconheceu pela ausência de "Pulmon", um pregado da casa de Tal — "Branco", estava à rua Feliz da Cunha. A vítima disse que não agrediu a casa por "Pulmon", sem saber os motivos que o levaram a agredir. A queixa foi registrada para fins de documentação.

2 — POR TEL, agredido seu monacho João de Tal, de residência 188 Norte, foi detido e levado ao quartel da 1ª Delegacia de Polícia, no município de Cai, José de Tal, Miroslaw, residente à rua "Pulmon", número 113, depois de algumas horas de detenção, foi liberado em liberdade. As vítimas agredidas são: Fátima e outras crianças da Policia.

3 — NO BARRIO "MULANA", situado na região da rua Aurora Terra com Feliciano Pereira, na 1ª Delegacia de Polícia, foram detidos de Moraes, residente na rua "Pulmon", número 113, depois de algumas horas de detenção, foi liberado em liberdade. As vítimas agredidas são: Fátima e outras crianças da Policia.

1 — Apresentando vários ferimentos pelo corpo e, com as vestes em trejeitos, deu entrada na 1ª D. de Polícia, às 12,30 horas da madrugada de ontem, acompanhado de sua amada, o estivador José Ferrigno Rodrigues, residente à rua Saturnino de Brito e o José disse ao inspetor de plantão que quando transitavam pela rua Jardim Florim foram assaltados por 4 indivíduos que estavam em um automóvel marca "Nada", cor escura, de placa 11-08-63. Ficando no automóvel, os autores do assalto e motorista e uma mulher que estava sentada no seu lado. Os assaltantes, depois de terem esboçado o queiram, forçaram a bolsa que sua amada levava, e que continha algumas pilas e a importância de dez reais e outros valores. Os salvadores haviam fugido.

A Polícia, por intermédio do serviço de Rádio-Comunicações, procedeu a uma chamada geral, recomendando a captura da turma. As 3 horas um carro da Rádio-Entrada, pertencente ao posto do 8º distrito, sobre o endereço e a descrição que o mesmo comunicou, levantando para a delegacia distrital. O motorista foi identificado como sendo Sebastião Rêgo e depois de explicar suas "razões", apresentou seus documentos. Outra pessoa, nomeado, também conhecido como Sebastião e o motorista foram presos. Os outros indivíduos participantes do assalto, foram mais tarde presos pelo inspetor distrital e conduzidos à Delegacia de Cai.

2 — Os funcionários da S. A. M. D. U., Henrique Leal, Natalino Teixeira da Silva e Wilson Gomes Rodrigues, às 6,15 horas da manhã de ontem, depredaram com suas ferramentas que estavam na frente do prédio nº 151, da rua Florestano Vargas. Comunicaram o caso ao plantão da 1ª Delegacia, tendo ao local deslocado o inspetor Ferrigno, que sobre o colunado Valmor Espinosa e Rita Sommer, técnicos da S. A. M. D. U., de nacionalidade alemã e residente à rua Saturnino nº 113, levantaram para aquela delegacia. Na S. A. M. D. U., Sommer informou que o assalto foi cometido pelo estivador que tentou lhe fazer a importância de R\$ 200,00. Foi apreendida uma Pistola de armar

Reportagem retirada do *Diário de Notícias* de Porto Alegre, 8/06/1954, página 7. Sobre denúncias de violência policial.

Fonte: Diário de Notícias, Porto Alegre. Site da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional .Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>> Acesso entre: 10 mai e 31 dez.

Anexo 3

MAIS 2 AGENTES POLICIAIS RESPONDEM A INQUERITOS

ROSA DOS VENTOS MAUS

Um escrivo da Delegacia do 4.º distrito, é acusado de extorquir dinheiro de meretrizes — Outro, inspetor da D. P. de São Leopoldo, é acusado de comer "bola" de banqueiros de "bicho"

AMOR BUENOS AIRES, 14 (U.P.) — Um juiz indiano, sob o nome de João, a mulher de uma senhora que há cinco anos foi detida em um auto de justiça por ter sido intimamente a seu antigo pai, a quem chama "pai de família".

A senhora Valéria, brasileira, foi detida, vinda inglesa de 40 anos de idade, foi empregada em 1949 para servir de professora da filha da industrial Fernanda Grandi. Pouco depois de iniciar no novo emprego, a senhora foi chamada a assinar um "peço de não ver" de Grandi, quem não só negou responder tais atos como também a despediu. Mais tarde, Grandi informou a Polícia, denunciando a senhora de ser uma "vendedora de falsas" e de ser uma "vendedora de falsas" e de ser uma "vendedora de falsas".

ATAQUE DUBLIN, 14 (U.P.) — Destacamentos da polícia tomaram posição ao longo da fronteira entre a Irlanda e a república da Irlanda, em virtude de um grande ataque a tarde de sábado por 15 indivíduos contra o depósito do Royal Irish Fusiliers, de Armaich, onde se apoderaram de 250 fuzis, 20 metralhadoras e metralhadoras de mão, e uma importante quantidade de granadas e de munições. Os atacantes tinham conseguido transpor a fronteira antes de começar o patrulhamento da polícia.

O ataque, ocorrido nos meios competentes, que os autores desse assalto pertencem à organização clandestina dos "voluntários irlandeses".

A polícia empreendeu investigações nas diferentes localidades do condado de Tureen, habitadas por elementos nacionalistas, assim como em residências de numerosos líderes republicanos, em Belfast.

CRIMINOSOS RIO, 14 (Meridional) — Chefados pelo desordeiro conhecido por "Mim e rano", oito criminosos estão sendo em pontos Duque de Caxias e São João do Meriti e adjacências. Os assaltos ali, sucedendo-se. Os criminosos invadiram uma fábrica de laticínios, roubando todo o dinheiro do cofre. O mesmo fizeram em outros estabelecimentos comerciais, alguns dos quais acultaram quando ainda de portas abertas. As autoridades nada puderam fazer até agora. No último assalto, os criminosos incendiaram o interior de uma residência. Usando considerável quantidade de munição, deixaram os ocupantes cegos e agiram tranquilamente. Os criminosos vão até o crime

* Há dias a delegada Julia de Souza Moraes, titular da Delegacia de São Leopoldo, em ofício, recebeu ao dr. Aldo Siranega, chefe de polícia, que fosse aberta inquirição administrativa e policial para apurar a responsabilidade do Inspector Aracilias Correa dos Reis, lotado naquela Delegacia, pois recebera denúncia de que "dos policiais, matriculados com outro, daquela repartição, cujo nome não foi divulgado, vêm extorquendo dinheiro de agências e bancas de jogo do "bicho". Os denunciantes que acusam os policiais disseram que davam dinheiro ao inspetor Aracilias, a fim de que não fossem molestados pela polícia.

* Diante de graves irregularidades que tinham ocorrido na Delegacia do 4.º Distrito, o delegado Imácio Araújo solicitou providências ao chefe de polícia, dr. Aldo Siranega, pois vários meretrizes acusavam funcionários daquela Delegacia de ter extorquido a importância de cerca de dez mil cruzeiros, sob o pretexto de extorção que a polícia fechou as portas de tal maneira que está funcionando em suas dependências. Afirmação dos denunciantes que o funcionário policial arrebatou o dinheiro para si mesmo, também as estações de rádio e jornal da capital que — disse ele — queriam fazer campanha contra elas.

Reportagem retirada do *Diário de Notícias* de Porto Alegre, 15/06/1954, página 7. Sobre Agentes da polícia envolvidos em extorção e “jogo de bicho”.

Fonte: *Diário de Notícias*, Porto Alegre. Site da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional .Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>> Acesso entre: 10 mai e 31 dez.

Anexo 4

Reportagem da coluna “vida sindical” ao lado de outra sobre “o crime da zeladora” encontrada na página dedicada aos crimes.

VIDA SINDICAL

REFORMA DE BASE NA PREVIDÊNCIA SOCIAL

Boa acolhida entre os trabalhadores teve a reforma da previdência social — Impressores de líderes sindicais

Por Jerônimo da Silva RIBEIRO

Em fase de movimento vertiginoso, entre as classes econômicas, a reforma previdenciária no terreno da previdência social, com a publicação do decreto n. 33.444, de 1.º de corrente era natural que a reportagem procurasse ouvir o outro lado, isto é, os representantes das entidades de trabalhadores, ouvindo suas opiniões sobre a matéria.

O primeiro líder classista a ser entrevistado foi o sr. Bernardino Custódio Fraga, presidente da Federação dos Trabalhadores na Indústria do Algodão, que desempenha diversas outras funções, nos meios sindicais.

Falando com sua habitual franqueza, assim se expressou: «As propostas introduzidas no âmbito da previdência social constituem uma vitória dos trabalhadores gaúchos, que há muito se batiam pelo melhoramento das condições de trabalho. Quanto da realização do Congresso Sindical, nossa representação insistiu na necessidade dessa reforma.

Não nos pareceu desaproveitado o fato de as classes interessadas estarem se movimentando contra os melhoramentos concedidos aos trabalhadores, sob a alegação de subsistência da ordem jurídica, etc.». A reforma da previdência social, há dois

2 COMANDANTES DE NAVIOS SE "AMOTINARAM", ONTEM, A "BORDO" DE UMA CASA DE TOLERÂNCIA

Os marujos "amotinados" promoveram desordem e quebraram mesas, cadeiras, garrafas, etc., numa "pensão de artistas" — Os "lobos do mar" só se acalmaram ante a ameaça de ser o fato comunicado à Capitania do Porto — Outros fatos registrados nos distritos e nas especializadas

A's 230 horas da madrugada de ontem, no interior de uma pensão de artistas situada na rua Cristina n. 1448, de propriedade de Mônica Botelho, no 9.º distrito policial, Sílvia Borne, comandante do navio "Alchim" e Manoel Buevici, comandante do navio "Maurice", amotinados no porto de São Paulo, depois de terem estado bebendo magnata casa, promoveram alguns desordens que só cessou com a intervenção das autoridades policiais do distrito. Apesar a Polícia que os turbulentes "comandantes" causaram vários estragos, quebraram mesas, cadeiras e copos, fendas, entressãos, indolente dos projetos e proprietária da pensão. Na delegacia distrital, os marujos se portaram de maneira inconveniente, mas quando, receberam que se fez feita comunicação à Capitania do Porto, se acalmaram, ficando o caso resolvido.

ANÁLISE

Foi analisado, no Madrugado, de ontem, o sr. Manoel Buevici, comandante do navio "Maurice", com 38 anos de idade, residente na rua Alvim n.º 418.

A vítima informou a Polícia que quando transitava pela rua não viu nada. Foi imediatamente avisada por três desconhecidos, que lhe disseram que havia de ser vítima de um crime de roubo e que lhe entregassem o dinheiro, mas acabou se dando para o lado e fugiu para a rua. O dinheiro foi levado à delegacia, onde disse ter trabalhado no comércio, e não tinha dinheiro para se pagar de multa.

A vítima foi levada para o Hospital de Pronto Socorro, onde foi submetida a exames médicos.

A autoridade policial de 1.º distrito, desobediência do comando, procedendo a várias diligências para apurar o caso, porém, não conseguiu obter resultados satisfatórios. O caso foi encaminhado à

DIÁRIO DE NOTÍCIAS - 14/5/1954 - Página 7

O DESASTRE COM O TREM NOTURNO DE SANTA MARIA

No quilômetro 9 da estrada de ferro Santa Maria-Porto Alegre registraram-se, às 23.30 horas de ontem, um acidente com o trem noturno que vinha daquela cidade para esta Capital. A composição era puxada por uma locomotiva Diesel-Hidráulica e dela faziam parte 14 vagões, descarregados e tombando outros seis. Junto ao leito da via férrea. Apesar de não ter sido determinada ainda a causa do acidente, presume-se que a culpa que comprometeram ao local a alguns dos passageiros que viajavam no trem, que o desmoronamento tenha sido causado por excesso de velocidade na curva existente no quilômetro 9. Ninguém ferido e nenhuma vítima. Também não houve danos materiais. O trem estava no km 9 da estrada S. Maria-Porto Alegre.

Padilha, de 22 anos pertencente à Brigada Militar e que vinha encostado nos demãos e um porco destinado, respectivamente, ao Hospital São Pedro e à Casa de Correção. O vagão em que viajavam dois cães parados em meio aos que, entretanto, nenhum dos animais sofreu ferimentos. O cão restaurado, em que viajavam, além de outros, o sr. Aldo Rungel, chefe de Polícia do Estado, e o sr. Pedro Toledo Gonsalves, filho de um funcionário, mas também, cães que não são mais capazes de viajar no trem, que o desmoronamento tenha sido causado por excesso de velocidade na curva existente no quilômetro 9. Ninguém ferido e nenhuma vítima. Também não houve danos materiais. O trem estava no km 9 da estrada S. Maria-Porto Alegre.

BERNARDINO CUSTÓDIO FRAGA



Presidente da Federação dos Trabalhadores na Indústria do Algodão

MARIA BILAR DE OLIVEIRA E SEU MARIDO TERIAM SIDO ASSASSINADOS POR VINGANÇA

Fragmento de uma conversa ouvida pela reportagem em Santa Maria — O marido da zeladora pertencera ao Exército e assassinara — há 30 anos — um amante de sua esposa

Um fragmento de conversa entre um oficial reformado do Exército e seu civil são conhecidos, em Santa Maria, e recentemente, teve lugar uma plateia para analisar a identificação e localização do assassinato da zeladora Maria Bilar de Oliveira, morta a paulada, no corredor do edifício de um casa anexada, na madrugada de ontem, 4 de fevereiro.

O incidente crime vem sendo a obra de rebeldes da Delegacia de Segurança Pessoal que até o momento não conseguiu um resultado satisfatório, havendo sido o caso de que não pode fazer parte de uma das crimes investigadas. Pelo fragmento de conversa, a polícia acredita que um oficial reformado do Exército, por nome de João de Deus, em Santa Maria, e outra pessoa não identificadas, pela reportagem, a polícia acredita que o crime foi cometido no edifício de um casa anexada, na madrugada de ontem, 4 de fevereiro.

Em Santa Maria, o filho de uma professora de escola, responsável pelo marido de Maria Bilar de Oliveira, que morreu em um acidente de trem, em Santa Maria, há 30 anos, em 1924, quando estava no Exército, e seu civil são conhecidos, em Santa Maria, e recentemente, teve lugar uma plateia para analisar a identificação e localização do assassinato da zeladora Maria Bilar de Oliveira, morta a paulada, no corredor do edifício de um casa anexada, na madrugada de ontem, 4 de fevereiro.

O incidente crime vem sendo a obra de rebeldes da Delegacia de Segurança Pessoal que até o momento não conseguiu um resultado satisfatório, havendo sido o caso de que não pode fazer parte de uma das crimes investigadas. Pelo fragmento de conversa, a polícia acredita que um oficial reformado do Exército, por nome de João de Deus, em Santa Maria, e outra pessoa não identificadas, pela reportagem, a polícia acredita que o crime foi cometido no edifício de um casa anexada, na madrugada de ontem, 4 de fevereiro.

CAUSAS POUCO DE FERRO E MORTES DO SR. JORGE G. BALZANO

PELOTAR 13 (Do coronel)

Os jornais apresentaram notícias contraditórias do acidente, entretanto, Jorge Augusto Balzano, diretor-geral da Trama comercial, o sr. Balzano R. A., cujo tra-

Os jornais apresentaram notícias contraditórias do acidente, entretanto, Jorge Augusto Balzano, diretor-geral da Trama comercial, o sr. Balzano R. A., cujo tra-

Reportagem do dia 14/05/1954, página 7.

Fonte: Diário de Notícias, Porto Alegre. Site da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional .Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>> Acesso entre: 10 mai e 31 dez.

Anexo 5

Reportagem sobre religião afro encontrada na página dedicada aos crimes no jornal *Diário de Notícias* de Porto Alegre, 1954



Reportagem do dia 12/02/1954, página 7.

Fonte: Diário de Notícias, Porto Alegre. Site da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>> Acesso entre: 10 mai e 31 dez.

Anexo 6

QUEM MATOU A Zeladora?

VOLUNTÁRIO: "COMETI UM CRIME PERFEITO"

Em carta à polícia, alguém que se assina com nome polonês afirma ser o matador da zeladora e diz que, cometido o crime perfeito, já está no estrangeiro, fora do alcance das nossas autoridades — Possível eliminação de um suspeito sob medida — Lamentável descuido do local do crime — Gatuno, sem dúvida, o autor — Forçada a porta do almoxarifado do Banco Industrial e Comercial do Sul?

Escreve Ernesto VINHAES

Há duas semanas a Delegacia de Segurança Pessoal vem investigando, silenciosa mas ininterrupta e meticulosamente, as circunstâncias do misterioso assassinato de Maria Billar de Oliveira.

Na madrugada de 3 para 4 deste mês, como foi divulgado, o delegado Delmar Kuhn, de plantão na Central de Polícia, recebeu da 1ª delegacia distrital a comunicação de que no 1º andar do edifício da rua Barros Cassal n. 32 fora encontrado o corpo de uma mulher, com todos os indícios de morte violenta. Pelo telefone, a autoridade determinou o imediato isolamento do local, para onde logo rumou, acompanhado da escorte Nos Brun, do Inspetor Ferrari e de um guarda noturno, autor de aviso do marcho encontro.

Quando os peritos do Instituto de Polícia Técnica eram convocados, o delegado Kubin e seus auxiliares fizeram um exame do local, verificando que no corredor de serviço do 1º andar estava estirada, sem vida, em decúbito ventral, o corpo de uma mulher de cerca de sessenta anos, de cor branca, pobremente vestida. O cadáver estava em meio a uma poça de sangue já coagulado e da poça se irradiavam pequenos canais de sangue também já coagulado em direção à parede oposta àquela a cujos pés a vítima tombara. A morte foi identificada como Maria Billar de Oliveira, viúva, brasileira, zeladora do Edifício São Luiz, que é o nome da prédio em que o crime ocorreu. Tratava-se de crime, sem dúvida alguma, porque mesmo sem o exame cadavérico se patenteava que a mulher recebera vários golpes no crânio, desferidos com algum instrumento contundente, barra de ferro ou adaga possivelmente.

O crime foi descoberto por volta das 4 horas da madrugada por Nizar de Brito, Loureiro natural de Amazonas, casado, residente numa casa de aluguel, na rua João Pessoa n.º 79 empregado de uma reempresaria da Prefeitura Cassara, sito à rua Világostros de Patria, e amiga da vítima, que com sua permissão, como a filha de Maria, viera antes, na noite fatal.

O Sr. Delmar Kuhn, em hábil exame, constatou que a porta aberta do edifício, um portão que dá para a rua Barros Cassal, na fôlha, tinha a fechadura de fechadura para fora da rua, como uma chave inglesa de fora para dentro. No primeiro andar, onde ficava a porta aberta, dando o ingresso de que esta fôlha aberta de dentro. No primeiro andar, onde ficava a porta aberta, dando o ingresso de que esta fôlha aberta de dentro. No primeiro andar, onde ficava a porta aberta, dando o ingresso de que esta fôlha aberta de dentro.

Quando se verificou que a porta do almoxarifado do Banco Industrial e Comercial do Sul, n.º 32, estava aberta, os peritos do Instituto de Polícia Técnica foram chamados para fazer um exame do local. Quando os peritos do Instituto de Polícia Técnica foram chamados para fazer um exame do local, quando os peritos do Instituto de Polícia Técnica foram chamados para fazer um exame do local.

1) O cadáver na posição em que foi encontrado. 2, 3 e 4) Manchas e raias de sangue. 5) Situação de fechamento à porta do almoxarifado do Banco Industrial e Comercial do Sul. 6) Portão de acesso ao Edifício São Luiz, à rua Barros Cassal.

O desenho é de autoria do conhecido desenhista Juan R. Llerena, do DIÁRIO DE NOTÍCIAS, calcado num levantamento topográfico do Instituto de Polícia Técnica.

Reportagem do dia 19/02/1954, página 7

Reconstrução do crime da morte da zeladora

Fonte: Diário de Notícias, Porto Alegre. Site da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional .Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>> Acesso

entre: 10 mai e 31 dez. 2017.

Anexo 7



Reportagem do dia 19/05/1954, página 2 – Sobre inquérito da morte do jornalista Nestor Moreira no Rio de Janeiro.

Fonte: Diário de Notícias, Porto Alegre. Site da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional .Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>> Acesso entre: 10 mai e 31 dez.

Anexo 8

**Sumário de culpa de
"Coice de Mula"**

RIO, 2 (Meridional) — Prosseguiu o sumário de culpa de Paulo Peixoto, vulgo "Coice de Mula", que no interior do 2.º distrito policial assassinou a socos e pentapés o jornalista Nestor Moreira. Foram ouvidos, como testemunhas, Sílvio Fonseca, Jaime Morais e Homero Carrazoni, que reafirmaram o brutal espancamento, fazendo severa carga contra os policiais do 2.º distrito também envolvidos no caso. O sumário deverá ser encerrado ainda esta semana, com o depoimento do deputado federal Benjamin Fará, que não compareceu ontem ao Tribunal do Juri.

Reportagem do dia 03/08/1955, página 5 – Sobre o encerramento do caso da morte do jornalista Nestor Moreira no Rio de Janeiro, no dia 12/05/1954.

Fonte: Diário de Notícias, Porto Alegre. Site da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional .Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>

Acesso entre: 10 mai e 31 dez.

Anexo 9

O CRIME NÃO COMPENSA

PRESO EM FLAGRANTE UM EMPREGADO DESONESTO QUANDO FAZIA COMPRAS EM NOME DE SEU PAZÃO

A prisão ocorreu no interior da Livraria de Glória, onde o empregado desonesto já havia adquirido mais de 10 mil cruzeiros de mercadorias, em nome de seu pai — Outros fatos registrados nos distritos de sua jurisdição

Um homem de nome de Glória, de 19 anos, foi preso em flagrante no interior da Livraria de Glória, onde o empregado desonesto já havia adquirido mais de 10 mil cruzeiros de mercadorias, em nome de seu pai — Outros fatos registrados nos distritos de sua jurisdição

NOVAS FACANHAS DE UM FALSO MEDICO EM PELOTAS

Denunciado novamente e falso "Dr. Aires", de Mero Roldado, responsável pela morte de marceneiro Galdorne Xerxesberg, em maio de ano passado — O falso clínico está agora provocando abalos criminosos

PRESO EM JAGUARÃO PERIGOSO LARAPO

JAGUARÃO, 12 (De ontem) — Foi preso, hoje, por suspeita de ser o autor de um crime cometido em Jaguarão, o perigoso laraपो, conhecido como "Laraपो".

DESAPEARCIDOS

Foram encontrados os corpos de dois desaparecidos em Jaguarão, após buscas realizadas por policiais locais.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS - 13/3/1954 - Página 7

JOCKEY CLUB DE PELOTAS

DOMINGO, 14 DE MARÇO DE 1954

1ª PAZADA PROTESTADORA

1ª Pazada... 2ª Pazada... 3ª Pazada... 4ª Pazada... 5ª Pazada... 6ª Pazada... 7ª Pazada... 8ª Pazada... 9ª Pazada... 10ª Pazada...

VEICULOS MUTUOS PARTICULARES

1.000	1.000	1.000	1.000
1.000	1.000	1.000	1.000
1.000	1.000	1.000	1.000
1.000	1.000	1.000	1.000

TRAGICO ACIDENTE COM O CARRO DO ENG. LUCIO COSTA

Faleceu a esposa de urbanista

DESPORTO

Amanhã, pela manhã, o início do campeonato estadual de natação

DECRETADA A prisão do assessor do INSPETOR

EMPRESA SANTO ANJO DA GUARDA LTDA.

RÁPIDO CRESCIMENTO

6. P. "PRESIDENTE DO JOQUEI CLUB DO R. G. DO SUL", EM 1400 METROS - PREMIO: CR\$ 20.000,00, 4.000,00 E 2.000,00 - AS 17 HORAS

BANCO HIPOTECARIO LAR BRASILEIRO S. A.

At. em: SALGADO PEREIRA, 18 - 911 - SET. 1414

DR. WALTER STUEBER - Cirurgião-dentista

Ex-aluno da Faculdade de Odontologia de Pelotas

LINHA DE ONIBUS PARA OSUL

Empresário Frederico

SEGUROS DE VIDA EM GRUPO d'O ORIENTADOR

TRABALHO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO

1ª na COLUMBIA COMPANHIA NACIONAL, SEGUROS DE VIDA e RAMOS ELEMENTARES

Valor do seguro: Cr\$ 50.000,00 - Prêmio mensal Cr\$ 120,00 pagável mensal, imediatamente após o vencimento de cada mês de seguro, MAS SEMPRE ADIANTADAMENTE NO INÍCIO DE CADA PERÍODO a que corresponde.

LIMITES DE IDADE: 50 anos e 6 meses. Sócios masculinos com 20 primos.

2ª na COMPANHIA SEGURADORA BRASILEIRA

Valor do seguro: Cr\$ 100.000,00 - Prêmio mensal Cr\$ 240,00 pagável mensal, imediatamente após o vencimento de cada mês de seguro, MAS SEMPRE ADIANTADAMENTE NO INÍCIO DE CADA PERÍODO a que corresponde.

LIMITES DE IDADE: 55 anos e 6 meses. Sócios masculinos com 20 primos.

INFORMAÇÕES O ORIENTADOR DO TRABALHO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO

ANDARAIS, 1664 - FIANÇAS FONE 42-80 - P. ALLEGRE

30 DE ABRIL DE 1954

Página inteira onde eram localizados os crimes antes da modernização do jornal *Diário de Notícias* de Porto Alegre. 13/03/1954, página 7. Fonte: Diário de Notícias, Porto Alegre. Site da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>> Acesso entre: 10 mai e 31 dez.

Anexo 10

RELATÓRIO DA COMISSÃO DE INQUÉRITO SOBRE AS VIOLÊNCIAS NA CASA DE CORREÇÃO

ROSA dos VENTOS MAUS

NO ESTRANGEIRO
50 MORTOS - NINER...
Um trem de passageiros...

POUSO
Acidentes aéreos...
Um avião da Aviação...

NO PAIS
FACI - O PAÍS...
Um acidente de trânsito...

CONTRABANDO - SÃO
Um caso de contrabando...

PRECÍPIO - O PAÍS...
Um acidente de trabalho...

NO ESTADO
FURTO - Um caso de furto...

PRÁTICA DE VICIOS E AFROUXAMENTO DA DISCIPLINA

Na visita de uma reportagem publicada há tempos no DIÁRIO DE NOTÍCIAS...
A Assembleia Legislativa do Estado, aprovando relatório...

A Comissão Parlamentar de Inquérito, denunciando...
que tem havido na Casa de Correção...

CONCLUSÕES
Na noite de 21 de maio...
de nome Santiago Varoenc...

Um caso de contrabando...
de nome Santiago Varoenc...

Um acidente de trabalho...
de nome Santiago Varoenc...

Um caso de furto...
de nome Santiago Varoenc...

NOS 4 CANTOS DA CIDADE

QUADRILHA

Investigadores da Delegacia de Furtos...
de nome Santiago Varoenc...

FURTOS

1 - GUSTAVO MARQUES...
de nome Santiago Varoenc...

FALCEZ

Um assassinato...
de nome Santiago Varoenc...

PROCURADO

Um indivíduo...
de nome Santiago Varoenc...

FUGRAM

Um indivíduo...
de nome Santiago Varoenc...

AGRESSÕES

Um indivíduo...
de nome Santiago Varoenc...

GUARDA

Um indivíduo...
de nome Santiago Varoenc...

ACIDENTES

Um acidente...
de nome Santiago Varoenc...

TELEFONES OTEIS

Um indivíduo...
de nome Santiago Varoenc...

Continental advertisement featuring illustrations of men's faces and a pack of cigarettes. Text includes 'isto é verdade', '1 em cada 6 fumantes prefere cigarros Continental', 'por que isto é verdade', 'Continental é fabricado com fumo de primeira qualidade', 'rigorosamente selecionado desde a safra até a manufatura', 'uma preferência nacional', 'UM PRODUTO SOUZA CRUZ', 'DIÁRIO DE NOTÍCIAS - 6/7/1954 - Página 7 | GARRA - Magazine - A revista líder'.